O GORDO E
O MAGRO
CARICATURA
DE FRAGUSTO
O Malho
ANNO XXXII
NUMERO 30
28-12-1933
Preço 1$200

DEPURATIVO

Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico chimico E. M. HOLLANDA, preparado no laboratorio da Lugolina. A SALSA, CAROBA E MANACA', do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação.

E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, boubaticas e escrophulosas e provenientes da impureza do sangue.

Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios.

Representantes nas Republicas Argentina, Oriental, Chile, Paraguay, Bolivia, Perú, etc.

NENHUM O IGUALOU AINDA PREÇO — 4$000

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
ANNO XXXII NUMERO 30
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Numero avulso em todo o Brasil 1$200
Assignaturas: Annual --------- 60$000 Semestral------ 30$000
Redacção e administração
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34 —
elephones: 3-4422 e 2-8073 - Caixa Postal, 880
RIO DE JANEIRO

AVISO

Afim de tratarem do acerto de suas contas, são convidados a comparecer ou a se dirigir por escripto ao nosso escriptorio, os seguintes Snrs.: Polary & Maia, São Luiz, Maranhão. — João Leite de Aguiar, Catanduva, S. Paulo. — João M. da Fonseca Brasil, João Pessoa, Esp. Santo. — L. M. Carvalho, Therezina, Piauhy. — Geraldo Silva, Guaranesio, Minas. — Oroncio Demoly, S. Geronymo, R. G. do Sul.

● ●

ENTRE outros assumptos da proxima edição destacamos:

ANNUARIO DAS SENHORAS!

Uma reliquia!
Uma preciosidade!
Uma verdadeira joia!

Todas as senhoras terão, neste grande volume ricamente encadernado, os assumptos mais variados e de absoluto interesse.

Aguardem Brevemente
este primoroso annuario.

Edição "Moda e Bordado"

DOENÇAS DO CABELLO E DO COURO CABELLUDO

TRATAMENTO E PROPHYLAXIA PELO

PILOGENIO

FORMULA E PREPARAÇÃO DO PHco FRco GIFFONI

A VENDA NAS PHARMACIAS DROGARIAS E NAS CASAS DE 1ª ORDEM

Peça a respectiva bulla á Caixa Postal 845 - Rio

CAIXA d'O MALHO

HELIO LUZ (?) — Estylo, bom. Thema, interessante. Mas V. se alongou demais em um genero que deve ser curto para agradar. Quando mais condensado e menos emphatico, mais bello é o trabalho nesse genero literario. V. é bastante lucido para perceber que esta critica é procedente. Acho que deve insistir.

TÃO ACCIOLY (Rio) — Assim, tambem é abusar do rotulo de poesia. "Precocidade" não é um poema. E como prosa, não é nem verdadeira, nem brilhante. A carta rimada está melhor, mas tambem o exaggero mata o bom humor. Foram para aquelle logar, sabe?

ARGONAUTA (Simão Pereira) — O pessoal quasi todo está por ahi, esperando uma brecha para apparecer, pois que o espaço é cada vez menor, e o numero de concurrentes cada vez maior. Da sua remessa, não gostei nem dos quadros, nem do soneto. "O Repuxo" vae bem, até o fim do segundo periodo. Quando V. entra a fazer a comparação do repuxo com o seu coração, volta á pieguice passadista e a poesia decahe. Isto, rimado e cadenciado, passa. Mas em versos soltos e absolutamente livres, não tem graça nenhuma.

VALGEAN (S. Paulo) — Approvado. Fica aguardando uma opportunidade.

DR. ANDRÉ DE ALBUQUERQUE FILHO (Tres Lagôas) — "Mario Bobo" sempre vae melhor do que o conto de Natal. Mas ainda não merece publicidade. A historia é banal. E o seu estylo não lhe dá relevo.

JOSÉ VICTORIANO DE LIMA (Muqui) — Creio que o thema daria uma chronica muito mais interessante do que a relação de factos, acompanhada de transcripções que V. faz. No caso presente, parece que o noticiarista matou o literato. V. não acha tambem?

GARIMPEIRO (Rio) — Ponha esses devaneios de lado e escreva coisas fortes e reaes. Para que perder tempo com essas fantasias em que se vem desvirilizando a nossa literatura? Dê um passo á frente, Garimpeiro. Faça da vida a sua fonte de inspiração.

DONATO SOUZA (Barreiros) — Sinto muito, mas não merecem publicidade.

BEMAJO' (S. Salvador) — Faz muito bem em manter accesa a confiança em si mesmo. Mas o seu conto, ou coisa que o valha, não tem nem uma pitadinha de graça. E — você comprehende — naquelle genero, o que não tem graça, só cesta!

Quanto ao mais póde continuar a escrever e enviar o que quizer para esta secção. Se apparecer alguma coisa em condições de ser publicada, não tenha duvida que será.

PEDRO R. WAYNE (Bagé) — Aqui todos são bem recebidos. Mesmo os que não têm talento. E' claro que estes recebem a sua resposta do lado de fóra e lá ficam. Para os que tem talento, o unico problema é o do espaço. De modo, que a gente é obrigado a escolher o que vem de melhor e pôr o resto de lado. V. comprehenderá, assim, por que razão, só aproveitamos "Calculo", de todo "o sortimento completo de drogas, productos chimicos, especialidades pharmaceuticas, utensilios para pharmacia e material cirurgico" que V. mandou.

WALDETTO SANTOS (S. Paulo) — Idem, idem, na mesma data.

JOSÉ CESAR BORBA (Recife) — Gostei mais de "Você toda de azul", embora as outras composições não sejam más. Vamos aproveitar aquella.

TALIO (Rio) — Não ha correcção que salve a sua "Dina" da cesta. E dê-se por muito feliz. Aquillo está uma verdadeira marmelada.

ALEC DANILO (Fortaleza) — Eu não disse que V. não deixaria de escrever? Ouça lá: O conto que V. enviou tem um bom thema para ser aproveitado. Mas não naquelle estylo de relatorio. Menos pormenores e mais um pouco de graça e leveza alliadas á simplicidade. Esta V. já vae conquistando. Acho que V. deve refundir o conto porque o assumpto vale a pena.

AIRES CINTRA (Fortaleza) — Ha contistas que sabem tirar optimo partido do pathetico. Não é o seu caso. O estylo é emphatico e pobre de originalidade. O enredo mal construido. Em resumo: uma narrativa sem sabor e sem vida.
Fico esperando coisa melhor.

ANTONIO URBANO DA SILVA (Passos) — Os versos não estão maus e o desenho tem algum valor. Mas não dá reproducção. Sahe tudo um borrão escuro. Não podemos, portanto, aproveital-o.

ALEXANDRE GOMES (Bahia) — Deixe as musas em paz, quanto antes, meu amigo. Por amor de Deus, não repita o triplice attentado literario que V. perpetrou em forma de sonetos. Lembre-se que a terra já está cheia de neurasthenicos: para que irritar ainda mais os nervos da gente?

HELIO LUZ (Carmo do Parahyba, Minas) — Desta vez, V. acertou: "Palmeira" sahirá.

JOÃO BUSSILI (S. Paulo) — Está certo. Tenha paciencia para esperar a publicação do seu conto, pois o atropello aqui, na porta, é fantastico: gente como formiga...

OLDEGAR VIEIRA (Bahia) — Engano seu. Não posso nem costumo dissecar personalidades literarias. Esta secção não é mais do que uma especie de portaria da revista. Na maioria dos casos, eu me limito a dizer se o paciente (ás vezes bem impaciente, como V.) póde ou não entrar. Só a pedido do consulente é que faço, ás vezes, uma critica literaria, mas toda superficial, rapida, porque não disponho nem de espaço, nem de tempo para mais. As cartas são respondidas na ordem de entrada nesta secção. Mas os trabalhos julgados bons passam ás mãos do secretario que os vae aproveitando conforme o espaço de que dispõe na revista, e ás exigencias de paginação. A sua accusação de que as sympathias influem aqui, é ingenua e desarrazoada. Todos os que me apparecem por cá são desconhecidos, e merecem as mesmas attenções. Mantenho a minha opinião sobre o conto e quanto aos *haikais* têm o encanto de ser, até certo ponto, uma novidade literaria no Brasil. Em comparação com os que tenho lido, os seus são excellentes. Finura, subtileza, uma teia delicada, verdadeira arte japoneza. Acho que V. tira todo partido que se póde tirar de um genero, como este, o estylo deve ser leve e synthetico, e as imagens nitidas e poeticas.

A unica restricção que faço ao *haikais* é, justamente esta: ser demasiadamente leve de um tecido tão fragil que não póde conter uma dose mais forte de — vida, de humanidade.

JOÃO ADEL (S. Paulo) — Acho que, por meio da poesia, se podem pregar todas as idéas. Mas não com libellos: indirectamente.

Dr. Cabuhy Pitanga Neto

PARA A BELLEZA

Productos A. DORET

Formosura do rosto. — Não ha motivo para que o rosto perca a frescura da mocidade, quando a pelle do corpo se conserva por longo tempo, frequentemente até sempre.

O rosto, no entanto, carece de cuidados. Uma planta é viçosa tratada como deve, carinhosamente vigiada dia a dia. A cutis, tanto como as plantas que nos exigem perseverança de trato, deve soffrer exame e prescripção de quem a essa especie de medicina se dedica.

Assim é que, A. Doret, vivamente empenhado em contribuir para a boniteza da pelle das mulheres, preparou uma serie de loções, cremes, etc., cada qual com destino a cada qualidade de pelle.

Pelle normal — nem secca nem gordurosa — requer uso diario de EMULSINE e, duas vezes por semana, JOUVENCE FLUID.

Pelle secca — JOUVENCE n. 12 em contacto com a pelle durante 5 minutos, depois do que deve ser lavada, para, em seguida, soffrer ligeira massagem com o CREME AUTO MASSAGEM, por sua vez retirado com um pano humedecido em agua pura.

Pelle gordurosa — Depois de lavada a pelle do rosto é limpa ainda com JOUVENCE FLUID simples, sem numeração, e, antes do pó d'arroz do mesmo fabricante, um pouco de EMULSISINE n. 15.

As massagens no rosto, colo braços de pessoas menos moças serão feitas com o CREME DORET, pela manhã, retirado do rosto com agua pura. Antes de deitar, o uso constante de JOUVENCE FLUID n. 18.

Nutrir a pelle é para qualquer idade. Não sendo, porém, do agrado de todas o uso de cremes no — caso o CREME AUTO MASSAGEM — póde ser substituido pelo LEITE DEESSE.

As espinhas, mal de que padecem mocinhas e rapazes, devem ser tratadas do seguinte modo: lavagem com agua e optimo sabão; JOUVENCE FLUID, procurando embeber bastante a parte atacada pelo mal. Medicação com resultado em oito dias de uso. E' mistér recommendar que as espinhas nunca devem ser espremidas, nem os cravos retirados com a pressão das unhas.

Os Perfumes, Loções, Pó de Arroz e os Productos de Belleza A. Doret, encontram-se nas seguintes casas:

CIRIO, Rua do Ouvidor 183 — Casa Doret, Rua Alcindo Guanabara, 5-A — Casa Guido & Della (Cabelleireiro), Rua Uruguayana, 16 — Casa Ormonde (Cabelleireiro), Rua S. José, 120-1° — Julio Mendes de Araujo, Rua Barão de Mesquita, e nas Drogarias: Francisco Giffoni Rua 1° de Março, 17 — Huber, 7 de Setembro, 61 - Rio — Fabrica e deposito: A. Doret, Rua Gurupy, 147 — Grajahú — Rio.

LIVROS E AUTORES

CAIVA

NAS livrarias do Rio, apparecem, com muita frequencia, livros que procuram descrever o ambiente physico e social dos sertões, contando coisas da vida do nosso caipira. A maior parte desses livros é de gente que passou pelo sertão, á janella dos trens de ferro e sabem da vida do matuto através de outras obras literarias. Dahi, a ausencia de realidade e de interesse, na maioria desses trabalhos. Não é, porém, deste genero, o livro que acaba de publicar o Sr. Galvão de Queiroz, em edição da "Livraria do Globo" "Caiva" é uma curiosa collectanea de contos regionaes, com sabor da vida dos nossos campos. O autor escreve num estylo vivo e forte, simples, conservando os modismos da linguagem sertaneja, cuja fidelidade afasta toda idéa de exaggero.

ESTADISTAS DO IMPERIO

OSWALDO Orico, o escriptor a quem as letras nacionaes devem alguns bellos livros de versos e de pedagogia e alguns volumes de critica sobre homens e factos da nossa Historia, acaba de publicar mais um livro de ensaios em torno de figuras illustres do primeiro e do segundo reinados.

"Estadistas do Imperio" apresenta os perfis interessantes de Diogo Feijó, Montezuma, Itamaracá, Marquez do Paraná, Timandro, Abrantes, Martinho Campos, Ferreira Vianna, Saraiva, Silveira Martins e José de Alencar. O estylo sobrio e elegante dá maior encanto ao assumpto já de si tão attrahente. A Editora Mariza apresenta a obra num esplendido volume, de feição moderna.

CINZAS... POEIRA...

O Sr. João Lopes da Silva, acaba de publicar, num elegante volume da empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", cento e tantas paginas de versos repassados de emoção que é como um fiozinho de linha ligando, uns aos outros, os cincoenta e poucos sonetos deste livro. "Cinzas... Poeira..." não sendo, embora, uma obra de alta inspiração, é, comtudo, um trabalho que se lê com prazer.

SONHOS D'ALMA

O Sr. Edilberto Silva deu publicidade a uma collectanea de versos, a que denominou "Sonhos d'Alma". Neste livro, se registram em versos correctamente rimados, as emoções alegrias e tristezas, affectos e contrariedades do autor. A obra foi confeccionada nos "Estabelecimentos Graphicos Villani & Barbero".

AZUL E ROSA

A Editora Mariza enfeixou em pequeno e elegante volume os ultimos versos de Bastos Portella, poeta que fez o seu publico selecto entre as moças romanticas e as senhoras elegantes.

"Azul e Rosa" é um livro com as mesmas qualidades e defeitos de "Suave Enlevo", outra obra de Bastos Portella. Elle conta segredo e attractivos de boudoirs chics, amores modernos, com uma pincelada de lyrismo e um quasi nada de ironia, brilhando aqui e ali.

LAGARTAS E LIBELULAS

A' ultima collectanea de chronicas publicadas na imprensa do paiz e, agora, editada pela Editora Mariza, Humberto de Campos deu o titulo de — "Lagartas e Libelulas". Reflectem ellas pedaços de vida e impressões de momento. Commentarios tecidos á margem de factos do dia, nem por isso essas chronicas carecem de emoção e de brilho. Como tudo quanto tem sahido, ultimamente, da penna desse extraordinario estylista. Póde-se dizer, desta obra que as chronicas são ligeiras, mas o estylo que as gravou e a emoção de que se embebeu ao gravál-as, as tornam duradouras, senão eternas.

CARTA ENIGMATICA

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 22.° CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

Nilza Alencar — Pontes Corrêa, 13 — Andaraby.
Moacyr de Almeida e Silva — Posta Restante do Correio.
Modesta — Estrada de Sta. Cruz, 311.
Ohlamo — Av. Paula Souza, 88.
Mickey — Almirante Alexandrino, 381.
Julia Costa — Haddock Lobo, 417.

ESTADO DO RIO

A. de Mendonça — Indigena, 16 — Nictheroy.
Pharaó — Monte Caseros, 335 — Petropolis.
Olga Alves Barreira — Vargem Alegre.

MINAS GERAES

Maria Helena Lopes — Praça da Republica, 60 — Bello Horizonte.
Maria Vieira Tannus — Prata (Triangulo Mineiro).
Antonio Clementino — Nova Rezende.
Antonio F. Pimentel — 13 de Maio — Ouro Fino.

SÃO PAULO

Galileu Cianciullo — Moóca, 204 — Capital.
Luiz G. Vieira — Conde S. Joaquim, 17 — Capital.
Elvira B. Severino — S. Flaquer, 45 — Sto. Amaro.
Edith Monteiro — Alameda Santos, 187 Capital.
Zelia dos Santos — Mococa.

RIO GRANDE DO SUL

Mariamelia Viola — São Pedro.
Marina Netto — G. Camara, 442 — Porto Alegre.
Lopes Telmo — Venancio Ayres, 177 — Porto Alegre.

BAHIA

Klahesttog — Caminho A, 23 — Tororó — Capital.
Olgnimar Maia Monteiro. — Paulino Vieira, 86 — Itabuna.
Maria Helena C. Teixeira — Ilhéus.
Jeronymo de Almeida — Benjamin Constant, 8 — Itabuna.

PERNAMBUCO

Violeta — Conselheiro Theodoro, 386 — Recife.
Odette Jordão Silveira Bom Jesus, 155 — Recife.

PARAHYBA DO NORTE

Elsa Cunha — Vidal Negreiros, 755 — Capital.
M. Almeida Sobrinho — Caixa Postal, 50 — Capital.

RIO GRANDE DO NORTE

R. N. Fernandes — Av. Joaquim Tavora — Mossoró.

A SOLUÇÃO EXACTA DA 22ª CARTA ENIGMATICA

"S. Paulo, 17 de Setembro de 33.

Caro sr. Onofre

Agradeço-lhe penhorad as suas bondosas expressões a respeito da carta que dirigi ao nosso O MALHO.

Mas, caro confrade, nada de premio — nem por um oculo: nem de camaradagem, nem de consolação!...

Abraços do *Geraldo Paraiso*".

RECTIFICAÇÃO

A carta enigmatica n.° 26 que O MALHO publicou no seu penultimo numero, foi uma das mais difficeis até até agora apparecidas.

Tão difficil que o desenhista encarregado de lhe dar a fórma conveniente, ficou afobado, "comendo" algumas letras, o que embora atrapalhando um pouco a solução não a tornou impossivel, todavia, porque já varios campeões nos enviaram as soluções certas.

Comtudo cumpre esclarecer o seguinte: — na 2ª linha em seguida á figura que vem depois do grupo "Cõ" deve-se accrescentar "— E" e — na 3.ª linha deve-se accrescentar um "g" antes da figura da "maca".

27ª Carta enigmatica

Aqui temos, leitor amigo, a 27ª Carta enigmatica, enviada ao O MALHO por um seu dedicado amigo e leitor. Entre os decifradores deste torneio, distribuiremos 30 magnificos premios, sendo necessario, entretanto, que as soluções venham acompanhadas do "coupon" respectivo, devidamente prehenchidos os seus claros. As decifrações devem ser remettidas para a nossa redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 27 de Janeiro, data do encerramento deste torneio. Na edição d'O MALHO de 8 de Fevereiro, apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção.

CARTA ENIGMATICA
(COUPON N. 27)
Nome ou pseudonymo ....
....
....
Residencia ....
....

Programma

Já estamos sob a tensão carnavalesca das marchas e dos sambas destinados á folia.

A ultima palavra, no assumpto, deverá ser da 'a, este anno, pelo concurso d'*O Malho* em que o publico vae acclamar, no "Theatro João Caetano", as composições de sua preferencia.

Todos os dias, entretanto, as estações de radio vão despejando novidades no ouvido do publico.

E' a plethora caracteristica desse grande momento civico brasileiro — que é o Carnaval.

Si a quantidade correspondesse á qualidade, teriamos, de certo, que erguer uma estatua a cada compositor e a cada poeta que Momo nos revela.

Felizmente, desta vez, ainda não temos grandes motivos de queixa a respeito de letras.

Temos a impressão de que os disparates, as tolices e os erros espectaculares dos versos dos Carnavaes passados, soffreram, pelo menos, um abatimento auspicioso.

Já não prevalece, entre cantores e editores, o conceito de que, nesta época, só é bom o que não presta.

E isto representa, sem duvida alguma, uma pequena victoria para quem, como nós, se bate ha tanto pela alphabetisação da musa popular — sem prejuizo da sua espontaneidade e da sua graça.

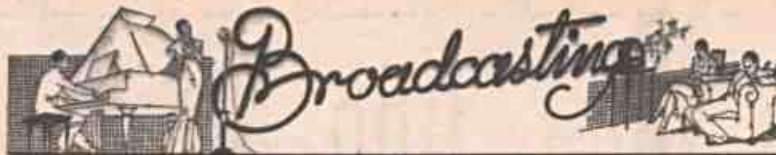
Para ser carnavalesco não ha necessidade de ser nem errado, nem immoral.

E ha de ser o proprio Carnaval que se encarregará de mostrar que a razão está do nosso lado...

O. S.

UM REALISADOR

Ahi está um homem de fibra, capaz de pagar a divida externa do Brasil e de realisar outras proezas do mesmo vulto. Adhemar Casé, sósinho, com a sua operosidade e sua disposição para a lucta, conseguiu impôr um programma de radio, elevál-o, mesmo, á uma culminancia em que os outros só chegam com o emprego de capitaes vultosos. O "Programma Casé" é hoje em dia, tão conhecido no Rio como um jornal, um club de "foot-ball" ou a Constituinte. Todos escutam, todos gostam delle. E isto representa uma victoria que poucos sabem avaliar, na nossa terra, onde essas iniciativas encontram os maiores obstaculos economicos. Por que o governo não entrega a Adhemar Casé a pasta da Fazenda?

Broadcasting

UM FIDALGO DOS SONS

Não estivessemos numa republica democrata e de certo Joubert de Carvalho seria o Marquez da Canção, o Conde da Valsa, o Duque da Melodia ou cousa semelhante. Usaria, sem duvida alguma, um desses titulos pomposos e teria um castello com brasão á porta, carruagens, etc. Mas como aqui é o Brasil, Joubert de Carvalho é sómente um compositor querido, que tem a gloria de ser medico e de receitar, em vez de xaropes, a ambrosia de uma inspiração suavissima. No **cliché** ao lado está Joubert de Carvalho. O leitor teria adivinhado isto?

PROGRAMMAS DE BAILE...

E' intensa a celeuma levantada nos meios musicaes contra os "programmas de baile" que algumas estações estão transmittindo, em determinados dias, até alta madrugada.

Reclamam os componentes de orchestras a deshumanidade dessas transmissões que lhes tiram um dos ultimos meios de ganhar a vida.

Tocar nos bailes, com effeito, depois do cinema sonoro, era uma taboa de salvação.

Mas até isto, argumentam os musicos, os radios acabam de lhes tirar, desferindo um golpe de morte nas suas possibilidades de viverem, mesmo com sacrificio, á custa da arte.

E', de facto, um argumento que cala em todos os espiritos.

Quem possuir um radio, d'agora por deante, e quizer realizar uma festa, nada mais tem que fazer senão syntonisar o apparelho e dansar até ás tantas, ouvindo, ainda por cima, optima orchestra.

Muito commodo, não resta duvida.

Mas é preciso pensar que ha centenas de pessoas que vivem das alegrias, das commemorações domesticas, e que não é justo aggravar a questão social brasileira, ainda incipiente, com iniciativas prejudiciaes a classes numerosas.

Creio que as autoridades estão no dever de estudar o problema, caso as estações não se commovam com a situação dos musicos.

E para isto basta attentar na vehemencia dos protestos que todos os dias vão surgindo na imprensa, partidos do seio da população, que se sente tambem prejudicada na sua tranquillidade, não podendo conciliar o somno porque os visinhos estão se divertindo com os "programmas de baile".

Defendendo o bem estar collectivo, defender-se-hiam, tambem os interesses dos proletarios que trabalham nas orchestras.

ACABARAM DE OUVIR...

...um programma de musicas classicas...

— O poeta Alberto Ribeiro dizia, numa roda de artistas, que si a Radio Sociedade do Rio de Janeiro installar, como se espera, a televisão em seu "studio", a primeira cantora que entăo será contractada deverá ser a Snrta. Déa Selva. Por que?

—:—

— Patricio Teixeira, o querido cantor, anda furioso com todos os que votam "em branco" no concurso para Principe do "broadcasting" instituido pela "A Hora"!

—:—

— Quem é o sambista que, segundo disse o Cesar Ladeira na sua chronica do O MALHO de 14 do corrente, vive se queixando de não ter queixo? Será o Noel Rosa?

BOLAS DE CRYSTAL

Telegrammas de Belém do Pará noticiam que o commercio de receptores, ali, tem augmentado consideravelmente depois da installação da Assembléa Constituinte, pois todos desejam escutar os discursos dos Srs. Deputados. No Rio, entretanto, ha muita gente que tem vendido seus radios sómente para não ouvil-os...

—:—

— Foi fundada, em S. Paulo, a "Associação dos Profissionaes do Radio", a qual, segundo um dos seus fundadores, "só interessa aos que pretendem trabalhar honestamente". Será que o numero de associados é muito grande?

O QUE VAE PELOS "STUDIOS"

— A "Radio Record", de S. Paulo, é a unica organisação, no genero, no Brasil, que possue uma orchestra symphonica com perto de quarenta figuras. São seus directores os maestros Martinez Gráu e José Torre. A orchestra symphonica da "Record" é ouvida todos os domingos, em programmas especiaes, das 18,45 ás 19,45.

—:—

— Lamartine Babo, este anno, tem, como das vezes passadas, grandes successos carnavalescos que estão sendo lançados por Carmen Miranda. Só agora, pois, é que Lamartine começa a dar um ar de sua graça.

—:—

— Vitoria Bridi, cantora de merito, tem creado, em suas ultimas audições radiophonicas, varias composições de Sá Roris, um auctor que se apresenta para as lides musicaes. São suas as seguintes producções já editadas para piano: — "Flôr do Sertão", "Nostalgia" (canções) "Deixa a mania de contrariar" (samba-modinha) e "Deus lhe pague" (marcha).

—:—

Organisada por Ildefonso Pereda Valdez, transmitte-se, todas as semanas, em Montevidéo, uma "Hora de Musica Brasileira", em que se divulgam, tambem, paginas de literatura nacional.

—:—

— "Sonora", a revista do microphone, que se edita na capital bandeirante, acaba de expor mais um numero á venda. E' seu representante no Rio o jornalista Hugo Tapajóz, a quem devemos a offerta de um exemplar de "Sonora".

—:—

— Celina Nigro, cantora que venceu o concurso do "Diario de Pernambuco", tem figurado no Rio, ultimamente, em varios programmas.

UM IDOLO... DE BARRO

Este não é, apenas, um "inventor" de musicas e de letras para carnaval, como tantos outros. Tem alma de artista, e, de quando em vez, surprehende a gente com uma canção delicada e bem feita, como "Jangadeiro do Norte" e "Garimpeiro do Rio das Garças". Escreveu os versos optimos de "Flor do Mal", titulo antigo de uma valsa nova. Pretende vencer no carnaval proximo, com a sua "Lourinha". E é por estas e outras que João de Barro é um idolo que tem de ser "de barro", mesmo que não seja...

Faça o seu proprio chapéu, frequentando gratuitamente, por intermedio d'O MALHO, a

Escola de Chapéus

Escolha o modelo do chapéu que lhe agrada e, em tantas lições quantas forem necessarias,

Melle. Eugenia Armindo

com cursos de chapéus, feitos na Europa, vos ensinará a fazel-os gratuitamente, bastando apresentar-lhe o *coupon* abaixo:

Curso de Chapéus
R. DA ASSEMBLÉA, 67
1.º andar

Curso de Chapéus

GRATUITAMENTE, serão dadas, a quem este coupon apresentar á R. da Assembléa, 67-1.º and., 3 aulas de chapéus.—Este coupon é valido até o dia 4 de Janeiro de 1934. (O MALHO)

N. 18

Aprenda a fazer os seus vestidos frequentando gratuitamente, por intermedio d'O MALHO, a

Escola Moderna de Alta Costura

De propriedade e sob a direção de Mme. BASTOS.

Escolha o modelo do vestido que lhe agrada e, em tantas lições quantas forem necessarias,

Mme. Bastos

com cursos de alta costura feitos na Europa, vos ensinará a fazel-os gratuitamente, bastando apresentar-lhe o *coupon* abaixo:

Curso de Alta Costura
RUA DA CARIOCA, 20
1.º andar

Curso de Alta Costura

GRATUITAMENTE, serão dadas, a quem este coupon apresentar á Rua da Carioca, 20-1.º and., 3 aulas de vestidos.—Este coupon é valido até o dia (O MALHO) 4 de Janeiro de 1934.

N. 18

Os melhores livros para a juventude
Aventuras entre bugres e pelles vermelhas, féras e antropofagos, habitantes de outros planetas, piratas, navegantes, reis e bandidos, etc.
Em todas as livrarias
brochado 3$
encadern. 5$
Volumes que acabam de ser publicados:
JACK LONDON — Caninos Brancos, traducção de Monteiro Lobato.
MARK TWAIN — O Principe e o Pobre, traducção de Paulo de Freitas.
EMILIO SALGARI — A vingança do Iroquez, traducção de Agrippino Grieco.
GUSTAVE LE ROUGE — O naufrago do espaço, traducção de Adriano de Abreu.
R. L. STEVENSON — Raptado, traducção de Agrippino Grieco.
EDGAR R. BURROUGHS — As féras de Tarzan, traducção de Medeiros e Albuquerque.
Volumes publicados anteriormente:
RUDYARD KIPLING — Mowgli, o menino lobo.
EMILIO SALGARI — Song-Kay, o Pirata. — O prisioneiro dos pampas.
MAYNE REID — Os naufragos de Bornéo. — Os negreiros da Jamaica.
EDGAR RICE BURROUGHS — Tarzan, o filho das selvas. — A volta de Tarzan.
R. L. STEVENSON — A ilha do thesouro.
J. FENIMORE COOPER — O Corsario vermelho.
R. M. BALLANTYNE — A ilha do coral.
W. H. G. KINGSTON — Ao longo do Amazonas.
EDIÇÕES DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL
R. GUSMÕES, 26-30
SÃO PAULO
LIVROS DA COLLECÇÃO
TERRAMAREAR
AVENTURAS • VIAGENS • HISTORIA • HEROISMOS

O Malho

Natal dos amorosos

Deus !

Sede pai, e não juiz. Guardai no vosso seio as suplicas dos que soferam e sofrem pelo amor, pela duvida e que se desesperam com as suas proprias fraquezas.

Iluminai, Deus grandioso e sublime, a conciencia dos embevecidos com os prazeres mundanais; - mostrai-lhes o caminho do verdadeiro amor, e dizei-lhes onde está o Bem, e onde a vossa vontade. Fazei que as cousas falem do vosso amor e do vosso exemplo de infinita tolerancia e de infinita cordura.

Deus! sois nobre em absoluto; provai as lagrimas amargas dos torturados da terra; dai-lhes depois o mel dulcissimo do vosso consolo e do vosso perdão . . .

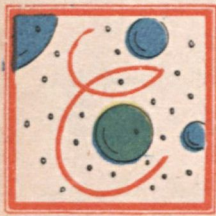
Deus, Deus, pai dos santos e dos homens, o vosso jardim é imenso e infinito; permitti que nele passeiem as almas bem intencionadas, para que lhes venha a grande convalescença dos apaixonados e a cura das cicatrizes do coração . . .

FINALIDADE:

O' almas! para que soluçastes tanto deante das maguas pequenas? Perdestes a fé e a esperança? Tornastes-vos pessimistas? Voltai á crença. Fugi das torturas evitaveis, e mostrai com altivez ao mundo as feridas dos vossos sofrimentos, e a coragem do vosso amor !

A. AUSTREGESILO

DA ACADEMIA BRASILEIRA

Chronica da Cidade Maravilhosa

CIDADE Maravilhosa! Só mesmo no Rio poderia acontecer uma cousa assim, tão séria e tão engraçada ao mesmo tempo. Imaginem a scena estupenda, que parece ter sahido de uma comedia de Bernardo Shaw ou de Joracy Camargo... Em torno de uma mesa solenne, uma porção de homens carrancudos, curvados ao peso das suas immensas responsabilidades historicas, discutem um gravissimo problema... Está se vendo logo pela physionomia amarrada de tão circumspectos e illustres cidadãos, que a cousa é mesmo muito complicada. Ha uma ruga enorme rachando a testa inspirada de um... Outro remexe nervosamente um cacho rebelde do cabello, pensando encontrar na brilhantina de topête o succedaneo para o brilho da cabeça.

Aquelle lá fez o sacrificio de comparecer de fraque á reunião, resistindo heroicamente ao calor para não sacrificar com a irreverencia de um terno branco a solennidade formidavel do assumpto.

Ha um silencio profundo no salão... Aquelles cerebros atormentados pensam naturalmente idéas phantasticas... De repente, uma voz afflicta indaga: mas, afinal, como é que elle ha de viajar?" Novo silencio, ainda mais profundo. Até o relogio da parede fica encabulado de fazer barulho e o "tic-tac" pára, numa greve espontanea dos ponteiros...

Como é que elle ha de viajar até o Rio! Este é que é o gravissimo problema! Problema que até o Einstein ficaria atrapalhado para resolver. De avião? Mas, o Campo dos Affonsos fica muito longe e o povo inteiro precisa assistir á chegada triumphal de tão illustre personagem! De automovel? Não póde ser tambem... Se viesse de automovel, treparia logo na capota, berraria como um desesperado e faria um delicioso escandalo carnavalesco na Avenida.

Um estallo na cabeça de um dos illustrissimos pensadores. Está encontrada a solução: elle virá de trem, pela Central!

Mas, vem logo o desanimo na róda. De trem é impossivel. Os carros dos suburbios parecem até a casa da familia Costa... Têm gente demais! E um personagem tão glorioso ficaria inteiramente desmoralizado se viajasse como simples pingente da Central.

Numa barca da Cantareira, num carrinho de mão, no "arrasta sandalia", num desses bondinhos opposicionistas da linha das Barcas, que passam estrillando nos trilhos? A commissão não sabe como resolver... O certo é que o Deus Momo precisa vir de qualquer geito... O pessoal especializado no turismo carioca póde não acertar com o systema da viagem, mas fiquem descansados que o folião do Olympo, o representante do carnaval na bancada das classes do céo, ha de apparecer no Rio, no dia certo, sem atrazar um minuto. E se não houver recepção organizada officialmente, ainda será melhor. Momo já pegou o geito do carioca. Não gosta de etiqueta, não liga ás cerimonias. Apparece de surpresa e vae entrando sem pedir licença, como um hospede optimista que sabe muito bem como é cotado...

Nem precisam ir buscal-o. Para que?... Momo sabe o caminho para a cidade que elle escolheu para ser a capital da a l e g r i a. Lá no céo, elle encosta a orelha numa nuvem, fica esperando que a electricidade lhe communique o ruido das estações de radio e quando ouve um samba novo do Chico Alves, irradiado pela Mayrink, Momo belisca a extremidade da orelha para avisar aos anjos tocadores de harpa que a nova canção carnavalesca é mesmo da pontinha... Os sambas lhe indicam o caminho do Rio. Lamartine Babo serve de bussola. A Carmen Miranda é um pharol...

Os homens solemnes não precisam se preoccupar. Momo virá por si mesmo, sem pedir passaporte. No ultimo caso, viajará como clandestino. E' um deus "penetra", um deus que passa por debaixo das "borboletas", que surge ao mesmo tempo numa casinhola pobre do morro malandro como no apartamento chic do arranha-céo cheio de pôse... Delicioso "carona" celestial, que entra sem pagar entrada tanto no baile do Municipal como na batucada da Favella, é inutil pensar em fazer programma para a sua chegada. Elle rebentará por aqui, na vespera, com a impaciencia de envolver no divino milagre da folia espontanea, sem planos, sem protocollo, toda a cidade maravilhosa...

CESAR LADEIRA

ILLUSTR. DE FRAG.

O LOBISHOMEM

(Illustração de Fragusto)

Pseudonymo TYRON

(Conto classificado no Grande Concurso de Contos Brasileiros de O MALHO)

NÃO foi o Isaias boticario quem levantou a lebre. Tampouco, o Miguelzinho. Ambos, por despeito ou por desejo de vingança, poderiam, entretanto, fazel-o, porque a Amelia dera tabôa a um e a outro.

A belleza da rapariga era, no arraial, tão celebre como o "baobab" que o Chico Ignacio fazia questão de mostrar a quantos passassem pelos arredores, não esquecendo nunca de provar-lhes, trena em punho, a prodigiosa circumferencia do tronco: vinte metros e quarenta e cinco centimetros.

Mas, ao contrario da gigantesca malvacea, Amelia jamais parecera disposta a permittir fosse tomada por alguem a medida de seu talhe donairoso.

Era orgulhosa, diziam. Guardava-a o pae como a uma reliquia, não vendo sem intima alegria o menosprezo com que a moça respondia aos olhares e ás falas dos amorosos.

Fôra assim desde os quinze, quando, coitada, perdendo a mãe, se vira com encargos de dona de casa. Na venda, a uns cem metros, o velho estava tranquillo. A casa — sabia — lá se achava limpinha, a comida bem feitinha, ás horas certas, e, sobretudo respeito, muito respeito, que á sua porta, como ás de certos visinhos, não havia tagarelagem de comadres, nem chocarrices de malandros.

Entretanto, conhecendo embora o o temperamento de Amelia, ninguem esperava que ella désse um "não" tão redondo, quando o pae, ansioso, lhe transmittiu o pedido do Isaias. O boticario era um partidão. Não era formado, mas de tizanas sabia, lá isso sabia, tanto que, num raio de duas leguas, ninguem queria outro doutor á cabeceira. Depois, o preparo. Tinha no quarto — bem se via da rua, pela janella baixa, sempre aberta, — uma prateleira carregada de livros e dizia-se que elle fôra o autor de um artigo publicado no "Arauto", da cidade, sobre a urgencia de concertos na estrada. Amelia, porém, recusou-lhe a mão, dando-o por velho — quando elle não tinha mais de trinta e dois. Mas, vá lá que o Isaias fosse idoso de mais para os 16 annos da moça; que razão poderia ella allegar para não querer por marido o Miguelzinho — com seus vinte e quatro annos, administrador e futuro dono da fazendão de seu pae? Que era feio! Ora, feio! Boniteza não põe mesa. O que se deve exigir num homem é vigor e caracter. Miguelzinho os possuia e, ainda, uma herança. Amelia, entretanto, achava-o rude, bruto. Despachou-o, sem cerimonias.

Todavia, não fôra o Isaias, nem fôra o Miguelzinho, quem levantara a lebre. A novidade era de pasmar de aturdoar, de enlouquecer.

Foi o filho da Belmira, garysinho, quem descobriu tudo. De passagem para a venda, vira, junto á cerca da casa da Amelia, de conversa com a moça, um individuo desconhecido. A Belmira nem quiz acreditar. Foi vêr. Só mesmo vendo. E era verdade. Lá estavam os dois. Mas que homem, santo Deus! Enfezado, defeituoso, de aspecto mau. Emquanto falava com a rapariga, dava uns passinhos, coxeando, e tinha na face uma funda cicatriz denegrida, que lh'a manchava da commissura dos labios á orelha direita.

Em dez minutos, todo o arraial sabia do caso.

Tratava-se — no dia seguinte, com alvoroço, já estava apurada a identidade da suspeita personagem — de um tal Marcellino, que, vindo da cidade, fôra trabalhar no Mirante, fazendola proxima. Typo mettido comsigo, de poucas conversas e poucos olhares. Ninguem lhe conseguira a intimidade, ali. Preferia andar só e á noite.

Bastaram essas informações para que Marcellino fosse cercado de uma atmosphera de desconfianças, de prevenções, de hostilidades.

Desejando-se poupar ao pobre pae um golpe a que talvez não resistisse, nada lhe foi contado, nem dado a perceber. Esse cuidado, porém, resultou inutil. Amiudando e prolongando seus colloquios, os namorados acabaram sendo surprehendidos pela presença paterna. Marcellino rodou nos calcanhares, desappareceu, emquanto a moça, livida, fitava o pae, entre apavorada e supplice. Quanto ao vendeiro, arrimou-se ao corrimão da escadinha, como se se agarrasse á sua ultima esperança neste mundo, e não encontrou uma phrase, uma palavra, uma exclamação. Silencioso, o desmoronamento das almas.

Reavivando-se, Amelia quiz pôr termo á scena penosa, mas cahiu nos braços do pae, a chorar copiosamente. Pranto, nunca mais elle o vira nos olhos velludosos da filha, desde que lhe morrera a mãesinha, uma tarde, quatro annos passados. Vertiam-n'o, por isso, e depressa aquellas lagrimas quentes, que deviam estar queimando as pupillas tão pouco habituadas a vertel-as. O pae queria, antes de tudo, que ella não chorasse. Pediu-lh'o, quasi chorando tambem; mas a moça, por muito tempo, a cabeça pendida sobre seu hombro, a esconder o rosto, como uma peccadora, soluçou, soluçou, com grandes estremeções e suspiros.

Afinal, como a filha parecesse mais calma, elle pensou em obter uma explicação daquella entrevista. Affagando, com ternura, os cabellos de Amelia, sustendo-lhe brandamente o rosto, procurou fitar-lhe os olhos, em busca da verdade. Mas nem chegou a proferir syllaba. A rapariga, lendo em sua physionomia angustia... a tormenta do cerebro, entrou, de novo, a chorar convulsamente.

Era inutil, por emquanto, tentar confidencias e, muito menos, fazer recriminações. Aguardou, para inquiril-a, o dia seguinte.

Cedo, ao chegar á cosinha, o velho já encontrou Amelia, desfigurada pela noite de insomnia, a preparar-lhe o café. A attitude da filha desilludiu-o dos seus propositos inquisidores. Era preferivel esperar que, mais logo, a calma voltasse completa áquelle coração de anjo. Não era sangria desatada. Mas, á noite, e no dia seguinte, e nos que se succederam, o pae não se atreveu a fallar no Marcellino, porque tudo faria, menos arrancar novas lagrimas aos olhos de sua filha.

E foi por isso que tambem não teve coragem para enxotar, a pau, pela porta afóra, o perneta do Mirante, quando este, uma noite, veiu pedir-lhe a mão da Amelia. Sim. Pedir-lhe a mão da Amelia. Estava horrivel, o Marcellino, a rodar o chapeu nas mãos grossas, e a gaguejar. O velho desejou morrer naquella hora. Com um sim ou um não, faria, da mesma maneira, a desgraça da sua filha. Cedeu, como um somnambulo, balbuciando palavras desconnexas, de pé, no meio da sala.

E nada contou no arraial. Foi peior. Peior porque, um dia, toda a gente soube que a Amelia estava não noiva, mas casada com o Marcellino. Lá fôra para o casebre do Mirante.

Começara, então, a chover — uma chuva cerrada, grossa, constante, que esbranquiçava, ao longe, os morros, e esbarrancava os caminhos. Mas, não obstante o fragor das bategas, ouviu-se, certa noite, para as bandas do capoeirão á cavalleiro do arraial, um gemido, um urro, um grito — qualquer cousa de estranho, de sobrenatural, de indefinivel. Sob o aguaceiro, o arraial, como um só ouvido, estava á escuta, a tremer. Que diacho seria aquillo?

Foi o assumpto do dia seguinte. Entretanto, ainda nessa noite, como na anterior, os mysteriosos ganidos, indistinctos, desiguaes, voltaram a cortar o estrepito da chuvarada. Virgem Maria! E foi assim durante tres noites mais, quantas a chuva alagou.

Por fim, depois de um dia ainda tempestuoso, a lua, rasgando nuvens espessas, veiu dar tons de prata ao tejuco empapado.

O Custodio, cuja filha o mau tempo havia retido no Espinheiro, apressou-se em ir buscal-a, e, ao voltar, narrou um singular encontro: á approximação de seu cavallo, uma sombra desconforme, como a rolar no barro, fugira em demanda do capoeirão. Si quizessem, iriam dar uma batida.

Tambem Marcellino, que ainda não voltara ao arraial, quiz aproveitar a estiada para levar ao sogro um bolo de fubá, presente de Amelia. Já avistava elle o casario, embaixo, com as janellinhas coando luz, quando ouviu vozes a b a f a d a s, no capoeirão, á margem da estrada. Virou-se. E nem chegou a vêr: cahiu, em cheio, na lama varado por cinco, dez tiros, cujo estampido reboou de quebrada em quebrada.

Desacotando-se, um grupo de homens accorreu, chafurdando no barro molle.

O Salathiel não se enganara.

Desde a primeira noite de tempestade, elle jurara ser do Marcellino aquella voz que aterrorizava o arraial. Convidara até alguns camaradas: iriam ao Mirante, mesmo sob o aguaceiro, verificar si o marido de Amelia estava lá, junto della. Ninguem se atrevera á empresa. Bem podia ser mesmo um lobishomem aquelle coxo, de feições deformadas e habitos noturnos, que roubara a flor da povoação, dominando a resistencia do velho.

A prova ali estava. O Salathiel não se enganara.

E regressaram todos, satisfeitos com a façanha.

— —

Homens do Mirante foram vistos, no dia immediato, não procurando Marcellino, que suppunham em casa do sogro, mas á cata de uma porca de raça, formidavel — uma brutalidade! — que lhes fugira ao patrão e que, segundo sabiam, estava perdida por ali.

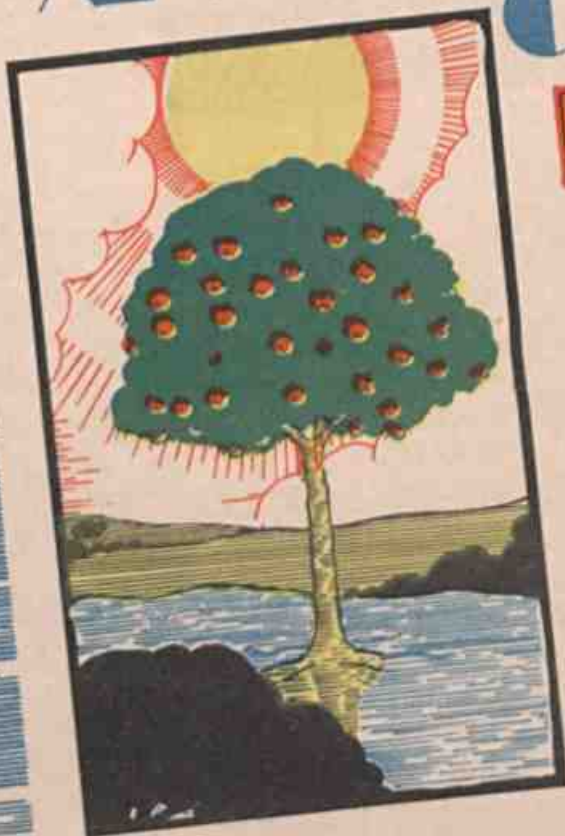
HERVA de TAPERA

NAS taperas em flôr da minha terra,
Não crescem folhas de hervas peregrinas,
Mas uma herva aromal, que ao sol descerra
As suas roxas flôres pequeninas.

O viajor, que por mattas e campinas,
Corta o immenso sertão, do valle á serra,
Ama essas melancholicas ruinas,
Onde o phantasma das saudades erra.

Pára. E eis que andando a sós, absortamente,
Por entre o verde matto emmaranhado,
Sente-se, de surpresa, num ambiente

Tão doce, tão subtil, tão perfumado,
Qual se alli o envolvêra, de repente,
Todo o aroma infinito do passado.

A LARANJEIRA CUIABANA

EU AMO, ó minha terra, a verde laranjeira,
Que, mesmo ao dardejar dos teus estios crús,
Ergue a fronde a sorrir, sempre viva e faceira,
Onde o ouro do teu solo estrelleja e reluz.

Mas amo-a inda mais, quando, em a sazão fagueira,
Ella, em flôr, enche os céus de perfumes a flux,
E os velhos pomos de ouro, aos fremitos da leira,
Reverdecem ao sol, num milagre da luz.

Terra do berço! terra evocativa e linda!
Em ti o coração, como o fructo dourado,
Remoça-nos tambem de esperança e de amor,

Ao céo azul da infancia, onde elle sente ainda,
Nos effluvios subtis, que exhalam do passado,
O aroma virginal da sua vida em flôr!

INEDITOS DE DOM AQUINO CORREA

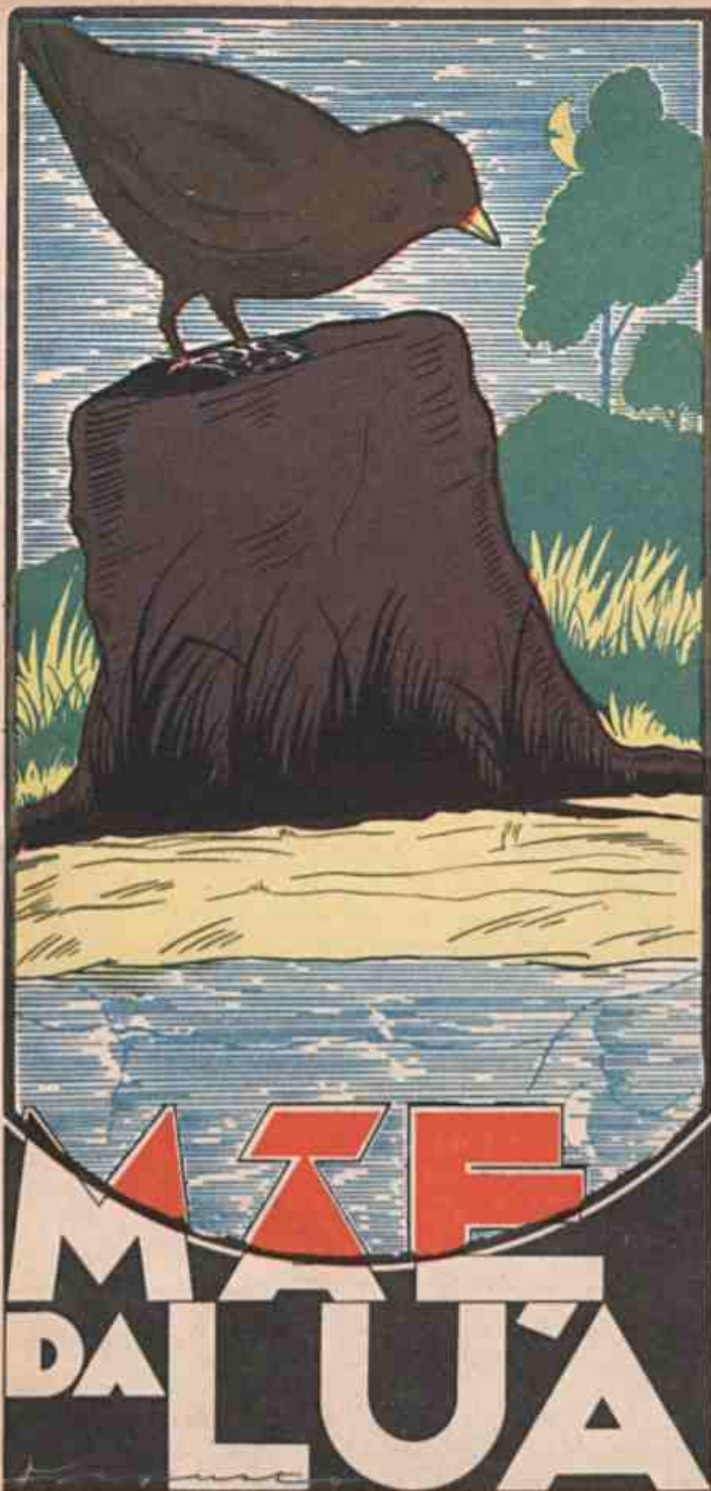
Illustrações de Fragusto

(LENDA BRASILEIRA DE ORIGEM INDIGENA)

ILUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

RUTAU! URUTAU! Êle era então a alegria dos passaros. Um passarinho matinal, curioso, inquieto. Todo dia deixava o ninho em companhia de outras aves e ganhava o mundo. Ninguem como êle para uma serata. Dizem até que batia o Mirapurú, aquêle passarinho que tem uma garganta de ouro e é considerado o melhor tenor da floresta...

* * *

Nessa manhã, como sempre acontecia, o urutau deixou o ninho e foi juntar-se às outras aves que o esperavam. Saiu para divertir-se, para passear. Pulava. Mariscava. Brincava. Saltava de ingaseira em ingaseira. Mexia com um. Mexia com outro. Os passarinhos, que o viam assim festivo e saltitante, cantavam em cima dos galhos:

— Bom dia, urutau, bom dia. Sempre alegre, ein, urutau!

E o urutau, sacudindo as asas:

— Que me importa a tristesa dos outros? Vamos aproveitar a vida.

Mal acabava de dizer isso, passou por ali um caçador. Vendo aquela ave saltitante, esperta, curiosa, imaginou que seria util ao seu viveiro. E lascou o chumbo.

* * *

O urutau conseguiu salvar-se: mas ficou ferido numa asa. Conseguiu salvar-se escondendo-se num tronco de pau que ficava perto do rio. Aí ficou. Ninguem soube mais noticias dêle. Então começaram a aparecer muitas lendas.

Segundo uma delas, o urutau olhou para o rio. E viu aparecer a imagem da lua nova, que se refletia nagua. Sentiu um desejo louco de alcançá-la. Daí por diante, não houve noite em que êle não viesse para aquêle lugar. Ficava ali fitando a lua horas esquecidas. E perdeu a alegria rumorosa do outro tempo, passando a ser então uma ave noturna.

* * *

Estava mesmo apaixonado pela lua. Todas as noites vinha ali para o galho do pau e ficava um tempão a olhar a lua imovel no ceu. De uma feita, chegando ao seu pouso, viu a lua cheia, redonda, muito perto dêle. Nunca a tinha visto assim. Imaginou que êle estava mais proximo. Que tinha vindo ao seu encontro. E zás! Atirou-se ingenuamente do galho para alcançá-la. Atirou-se e...

* * *

O resto já se sabe. A muito custo conseguiu o urutau salvar-se daquêle mergulho. Só então compreendeu o engano. Verificou que era impossivel alcançar a lua. Contenta-se então, em fitá-la de longe. Vem para a beira do lago ou do rio. Procura ficar bem escondidinho. Que ninguem o veja. Sóbe no extremo do galho ou pousa no tronco do pau. Não se mexe. Aí passa a vida fitando a imagem da lua. Quem vê de longe não imagina que ali esteja alguem. Parece um pedaço do galho ou do tronco de pau. Ouve apenas um grito lamentoso, tristonho: — *U-ru-ta-u*.

E não sabe de onde vem.

* * *

Esta lenda corre aí pelo Brasil a fóra. E tambem por outros paizes da America do Sul. Existe na Argentina. E tambem no Paraguai.

Lendas... Tudo isso é lenda. Cá pra mim a historia é outra. O urutau não tem nada que ver com a lua. Nem paixão, nem cisma, nem nada. Os outros é que acreditam nisso. Êle não protesta. Fica firme. Pousado no extremo do galho ou em cima do tronco seco, está descansado. O caçador não diz quem está lá. E assim êle vai vivendo tranquilo, quieto, ao abrigo de qualquer pontaria.

Em Mato Grosso e Goiás chamam-lhe *Emenda-tôco*. Justamente por isso. Porque acomodado no seu cantinho, o urutau não se move. Parece que faz parte do galho ou do tronco. Ninguem o incomoda. E assim passa a existencia descansado, enquanto cá por baixo toda gente julga que êle vive assim por causa da lua...

PAPÁ NOEL E VÔVÔ INDIO

symbolos, como as civilisações, tambem agonizam... Papá Noel é um symbolo moribundo. Já o Vôvô Indio surge, no fundo da scena, trazido pela mão irreverente do Sr. Christovam Camargo para substituir o velhinho de longas barbas que a Revolução despojou do seu throno de neve e fantasia... A época é das innovações e Papá Noel tem a desgraça de ser muito velho...

A Humanidade deste anno da Graça de 1933 é incredula e zombeteira. As suas creanças imitam demais a gente grande para ser innocente... As meninas, aos 6 annos, discutem Clark Gable e Robert Montgomery. Os meninos (que no meu tempo ainda liam apenas o TICO-TICO) escrevem cartas de amôr á Greta Garbo e suicidam-se quando lêem a noticia do casamento de Joan Crawford... Não crêem em Papá Noel porque a casa de apartamentos em que moram tem o telhado muito alto, e esse velho romantico é prudente demais para andar de avião...

O cimento armado é inimigo pessoal da Poesia. E o cinema é um terrivel destruidor de illusões... E' impossivel sonhar — quando, na rua proxima, o bonde da Light passa gritando nos seus trilhos de frio aço. E' mais facil encontrar, na cabeça de uma creança moderna, um piôlho do que uma illusão... Um sapatinho que fica, hoje, por acaso, á porta de um quarto, numa casa de apartamentos, não amanhece cheio de brinquedos: arrisca não amanhecer de fórma nenhuma... Ha ladrões eclecticos — como certos philosophos... E um sapato, mesmo velho, é sempre, mais ou menos, susceptivel de meia sola...

Ha ladrões e sapatarias por todos os cantos... O cimento armado é uma salvação porque, se não fosse elle, as proprias casas seriam roubadas, durante a noite, em possantissimos caminhões... Eu, nesse caso, só roubaria casas de recem-casados — que devem estar cheias de flores e de bobagens, de restos de pudins e caroços de desenganos...

Se as nossas creanças pudessem acreditar em alguma cousa, talvez o Vôvô Indio, do meu amigo Camargo, fosse um sujeito acceitavel... O Brasil é uma terra roubada aos selvicolas, em nome de uma Sra. D. Civilisação, que só tem servido para nos encher de dividas e de syphilis. Antes de Pedro Alvares Cabral, não precisavam importar nem mercurio nem "sir" Otto Niemeyer... O indio era, incontestavelmente, o dono do paiz. Quando aqui chegaram os colonizadores, não havia, nestas terras bemditas, nem rheumatismo nem imposto sobre a renda. A Civilisação é a doença — e, tambem, a quebradeira. Não existiam "bungalows" nem desfalques. A gente andava quasi nua — mas era honesta... Hoje, anda quasi vestida, mas não sei o que é — nem quero saber...

O chá dansante tinha, nessa época, uma fórma rudimentar, muito parecida com os modernos "candomblés." Não se improvisavam almoços em homenagem ao escriptor Fulano de Tal pelo brilhante exito do seu livro "Como matei a minha mulher". As indias não precisavam brochar a cara de vermelhão para esconder a pallidez reveladora das insomnias, dos peccados e das escrophulas...

O beijo era uma dentada sincera — e não um babujamento de pouca vergonha. Cavalheiros importantes não se davam, ainda, ao "sport" de conquistar as senhoras honestas dos seus amigos honestissimos...

A Policia era um mytho, e o Tribunal do Jury uma inutilidade. Os indios resolviam as suas questões pessoaes a tacape, e não nos *a pedidos* dos jornaes... O vencedor tinha o direito de jantar o vencido, depois de o assar, carinhosamente, no espeto domestico... Desse modo, a victoria era dupla: da alma e do estomago. A honra ficava vingada — e a barriga, tambem...

Não havia jovens selvagens declamadoras, sinapizando os ouvidos da gente ingenua da taba. Hoje, ao contrario, ha j o v e n s declamadoras selvagens abusando do direito de dizer mal por si os versos bem feitos pelos outros...

A vida dos nossos selvicolas era de uma pureza tocante, comparada á bacchanal que por ahi vae sob os olhos vesgos das convenções. Eu lastimo não ter nascido naquella época em que se começava por onde, hoje, muita gente acaba: de tanga. Pelo menos, traria em volta do pescoço, em fórma de collar, os dentes de todos os meus inimigos.

O Vôvô Indio era um homem honesto. Só tinha uma mulher — e não era casado. Não assignava contracto conjugal — e dava excellente esposo... Para que trazel-o para a luz crua da falta de vergonha dos nossos dias? Se o Vôvô Indio fosse tomar banho, com a sua Excma. Familia, no Posto 2, em Copacabana, teria um accesso de indignação:

— Paraguassú, Paraguassú sahe dahi que *tem* muito peixe mal comportado! — diria o velho limpando, nos olhos, a visão daquellas formas nuas e cruas...

Fique o Vôvô Indio no seu cemiterio branco, de aldeia, onde não ha malicia naquelles ossos bem intencionados... Qualquer menino bôbo de hoje, sabe mais do que o grande Ararigboia — que foi guerreiro e namoradôr de fama...

Papá Noel, sendo francez, tem varios seculos de *Champagne* e de negocios pouco licitos. Tem dinheiro na Caixa Economica e não quer pagar as dividas de guerra... Vôvô Indio, não: é um sujeito direito como um esporão de arraia. Se lhe der *na telha* andar pelos nossos telhados, então não darei um tostão pelo seu juizo: ha tanta cabecinha de vento por essas casas de cimento armado...

— Vôvô Indio, saia dahi, Vôvô Indio... Se não, essas meninas de cabello de fogo convidam o senhor para ir ao cinema...

E era uma vez a innocencia de Vôvô Indio...

Por BERILO NEVES

O RIO de JANEIRO EM MOVIMENTO
o garçon
a bahiana do doce
o leiteiro
714
o inspector de vehiculos
JOCA
o quitandeiro
o lixeiro
L.P.
o doceiro

O FRÊVO

POR MARIO SETTE
ILUSTRAÇÃO DE ARNALDO

(Trêcho de capitulo do novo romance de MARIO SETTE: "Seu Candinho da Pharmacia")

Num momento, a rua Direita, vêsga e amanhada, enchera-se de ponta a ponta. Uma revista de caras humanas pelas estreitas calçadas, sobrando ainda pelas janellas, varandas e telhados. E tóca ainda a esguichar gente das travessas e beccos; o do Serigado golphava curiosos e foliões como uma machina de fabricar pipocas. A cousa já fervia para os lados do Terço de onde vinha o Vassourinhas com o pêso do enthusiasmo de admiradores e adhesistas. Avistava-se por cima daquelle movediço dorso cinzento-escuro, que era a somma da multidão saracoteante, o estandarte bordado a ouro com uma vassoura de pennas do teso da haste. Zumzum promiscuo de phrases soltas, de malicias, de contactos, de pruridos, de diterios, de risozinhos, de perguntas, de desejos, de machucadellas, de afagos clandestinos... E um cheiro provocante de ether perfumado, evocando nudezes e lascivias carnavalescas, promissoria sensual a vencer-se nos tres dias proximos.

Cada rosto projectava dois pharóes de impaciencia, de antegoso, de irrequietabilidade. Sons de rufos mais proximos, mais perto ainda, crescendo em timbre como a rithmar a ansiedade do povo que se remexia, que se punha em bicos de pés, que cantarolava, que batia compasso com as cabeças, que vibrava de volupia e sofreguidão.

A orchestra de club explodia metallicamente a introducção de outra marcha pernambucana, frevêsca da gemma — nervosa, impulsiva, calida, syncopada, arrastadora... A um só tempo cutucadora e arisca, lubrica e esquiva, abandonante e fugidia, brincalhona e astuciosa, imagem musical de mulher mascarada e semi-nua que se promette e se furta, acaricía e maltrata, sussurra e grita, avizinha-se e foge, offerece-se e se esconde, estende a bocca e dá muxos, faz gaiatices e silencía, abraça e repelle, beija e morde, findando vencida e vencedora numa posse integral de folia....

Musica de arrancos e estacadas, de tremores e tetanizações, de nervosismos e indolencias, de sacudidellas e agrados, de rodopios e curvaturas, de calmas e temporaes, de amaciamentos e beliscões, de frenesis e languidez, de velludos de dominós e attritos de papel picado...

O frêvo !

Aquella massa de corpos e de almas vinha numa obediencia absoluta e gostosa á cadencia voluptuosa, ardente e voluvel da marcha. A cada vez que a orchestra repetia num enfarofado de accórdes a introducção todo o povo redemoinhava, refervia nas attitudes mais caprichosas, mais comicas, mais delirantes. Dir-se-ia que tentavam misturar, confundir, trocar os membros, os troncos, as cabeças, para depois ir procural-os de novo. E no seguimento da musica lá se iam todos na impetuosidade da "onda", no esbandalhamento do "passo", de pernas abertas em tesouras, de cocoras em saca-rolhas, de bustos empinados para frente em rigidez, de nadegas offerecidas ao alto, de mãos trançadas nas nucas, de narizes a farejar os congotes femininos, de braços dados em cordões, de barrigas colladas, de caras rentes, de boccas grudadas...

Moviam-se todos num incessante ondeio, num provocador remexido de quadris, de bustos, de ancas, de seios...

De subito, uma rapida e brusca estacada da musica. A multidão empaca, endurece, espera. Cada um guardando a posição em que foi colhido. Numa esplendida mostra de modelos. Dentes de fóra, risos escancarados, testas suadas, labios abertos, olhos esbogalhados...

Segundos apenas. Vence-se a syncope dos instrumentos. A orchestra recomeça num renovado empurrão da marcha. E de novo todos se movimentam, se esfregam, se torcem, se enlaçam, se verticalizam, se cheiram, se beijam, se apalpam, se agacham, como si a musica lhes penetrasse veias a dentro para ir fazer-lhes cocegas no sangue.

E seguem rua afóra, dançando e cantando, na confusão carnavalesca dos coloridos dos trajes, dos azougues dos olhares, das quenturas dos contactos, dos halitos de lascivia, dos cheiros de suores, das escalas das risadas, das tonalidades das pelles, dos contrastes das posições, das harmonias das canções, dos mysterios dos sentimentos...

O Natal dos Perus

EM epocas de festas, continua-se a lamentar a sorte dos perús, altruisticos animaes que se sacrificam, por essas occasiões, para a alegria dos estomagos exigentes. Pelo Natal, particularmente, a tradição exige o sacrificio de perús, de muitos perús, os mais gordos e os mais bellos que se encontrarem. Ahi está um delles, nos lindos braços de Susan Fleming, artista de cinema, que dá com o calor do seu seio e com os cuidados de uma photographia artistica, uma derradeira alegria e as honras de uma recordação duradoura ao pobre animal, destinado á matança para as comemorações domesticas de Natal. E' possivel que o perú se sinta mediocremente satisfeito com essas compensações. Mas ha muita gente que se sacrificaria de bôa mente pelo prazer de estar onde elle está

Junto ao Presepio

(*Especial para* O Malho, *de* ASSIS MEMORIA)

Natal: Adoração dos Pastores. (Quadro de Lorenzo di Credi, do XV seculo, existente na Galeria de Florença).

O BERÇO DE BELEM, o simples presepio, de onde Jesus penetrou, mansamente, no mundo, e, gloriosamente, na Historia, continúa a polarizar a attenção universal. De extremo a extremo da terra, sente-se que uma nova era começara, uma nova ordem de cousas ia inaugurar-se. Perto do berço, José e Maria — a simplicidade maxima associada ao supremo e inegualavel merecimento — revezam-se em carinhos pelo recem-nascido e em extremos de gentilezas pelos que vêm visital-o, obedecendo a um imperativo da inspiração divina, ou conduzidos por mero espirito de curiosidade. E' que aquelle Nascimento, pelas circumstancias de que se revestiu, pelo cortejo de incidentes extranhos de que se cercou, — a noite illuminada de clarões miraculosos, vozes angelicaes enchendo o espaço sideral, uma estrella fulgurante incidindo, reverente e constante sobre o logar sagrado do presepio — tudo aquillo impressionara fundo as multidões e abalara, mais profundamente ainda, os detentores do poder omnipotente.

Depois da visita dos pastores, prosegue todo um prestigio ininterrupto, desfilando em adoração ao Menino, ao Salvador, envolto ainda nas faixas infantis. Commove, pela simplicidade, aquella scena! Maria e José, de uma pobreza extrema, nem possuem com que proporcionem ao filho o conforto, mesmo o mais vulgar. Não articulam, porém, uma queixa; não esboçam, siquer, o mais ligeiro gesto de enfado. Nas palhinhas rebarbativas, num berço agreste, repousa a Creança, sorrindo sempre, numa attitude acolhedora; derredor, numa promiscuidade impressionante, numa confraternização que encanta, pasmam para a *trindade da terra*, admirando-a, cultuando-a, seres irracionaes e creaturas humanas, de todos os matizes. Perto, está Jerusalem, então a cidade mais notavel da Asia e das mais celebres do mundo — mergulhada, até á alma, na orgia e na ansia do gôzo.

E' flagrante o contraste! E' chocante a antithese! Viam-se, porém, naquellas luzes, que illuminavam a festa pagã, a saturnal tremenda, os tons sinistros dos fogos fatuos, a irradiação funebre de tochas, que alumiassem os funeraes de um mundo velho, gasto, cahindo de pôdre. Emquanto isso, o recinto, então sagrado, da mangedoura, esclarecido feericamente, a poder de esplendor sideral, annunciava o dia luminoso de uma era auspiciosa, a benção augural de uma redempção. E proseguia a procissão dos adoradores, solemne, espontanea, triumphal. Rebanhos e zagaes, homens do povo e desherdados da sorte, todos já haviam trazido ao Menino a homenagem do seu affecto, o testemunho eloquente do seu respeito e da sua gratidão.

Faltava ainda o tributo dos grandes, a visita régia dos potentados. De repente, uma estrella despede mais fulgor, percorre o espaço azul, num sulco de ouro e os seus raios estonteantes projectam-se sobre o berço, num deslumbramento de luz. E pára, á porta do presepio, uma caravana apparatosa, um sequito, com toda a pompa do luxo oriental.

São os tres reis magos. E' a homenagem da realeza. Entram, ajoelham-se respeitosos ante Jesus e, abrindo os involucros dos seus thesouros, fazem ao Messias a triplice offerta symbolica da myrra, do ouro e do incenso. Estava completa, assim, a homenagem, que a humanidade deveria render ao Homem, ao Rei Eterno dos seculos e á Divindade Suprema, que o Christo representava e representará sempre. Encerrava-se, dessarte, a primeira pagina da vida de Jesus: a sua entrada no mundo. Ia começar agora o seu ingresso na Historia e na immortalidade, na existencia mortal e na gloria.

Estava iniciado o Evangelho, o codigo dos codigos.

Adoração dos Reis Magos. (Mosaico do seculo VII, existente na Igreja de São Vital, em Ravenna).

Senhora

Vistam-se de coloridos alegres.

Usem vestidos, á tarde, de estamparia de sêda.

Trajem-se com pannos floridos, desenhados pela mão habil dos que tornam a industria da tecelagem uma arte explendida.

A parisiense, contrária ao "vistoso", adora a estamparia.

Veste-a no inverno, sob os "manteaux" de pêles, os casacos de lã, os luxuosos de setim e de "broche".

Veste-a no outono.

Na primavera e no verão, mesmo que o sol de lá não chegue á coloração do de cá, ella o festeja vestida de "imprimé", mais moça e mais garrida assim, mais de accordo com o quadro de luz por que anseia todo o tempo em que precisa de se aquecer ao calôr dos fogões.

Com os vestidos estampados qualquer chapeu de palha, branco; sempre ou quasi sempre branco, que é o chapeu da moda, o que serve com toda especie de roupa — de rua, de esporte, de visita, pela manhã, durante o dia, á tarde.

Crescem um pouco mais as abas.

No entanto as pequenas ainda se vêm, porque assentam num rosto cheio, redondo, assentando tambem num de forma ovalada.

Abas bem sobre os olhos...

E abas batidas á frente, num "releve" que veio descobrir todo o rosto da bonita leitora, descobrindo, com ousadia, os olhos luminosos, a bocca vermelha, a graça do sorriso.

Sorcière

Vestido talhado em crepe da China azul esmaecido com estamparia marinho e amarello; á direita, folhas vermelho e preto dispersas num crepe branco; as mangas plissadas lembram o plissado á frente da saia.

Amarello e preto é a estamparia indicada para o vestido á esquerda, cujo fundo amarello fraco talvez seja mais para accentuar a renda de seda preta á volta da golla-chale; á direita, em baixo, vestido preto e branco; em baixo, bem na extrema esquerda — chapeu de palha azul, flores de verniz preto e verniz branco.

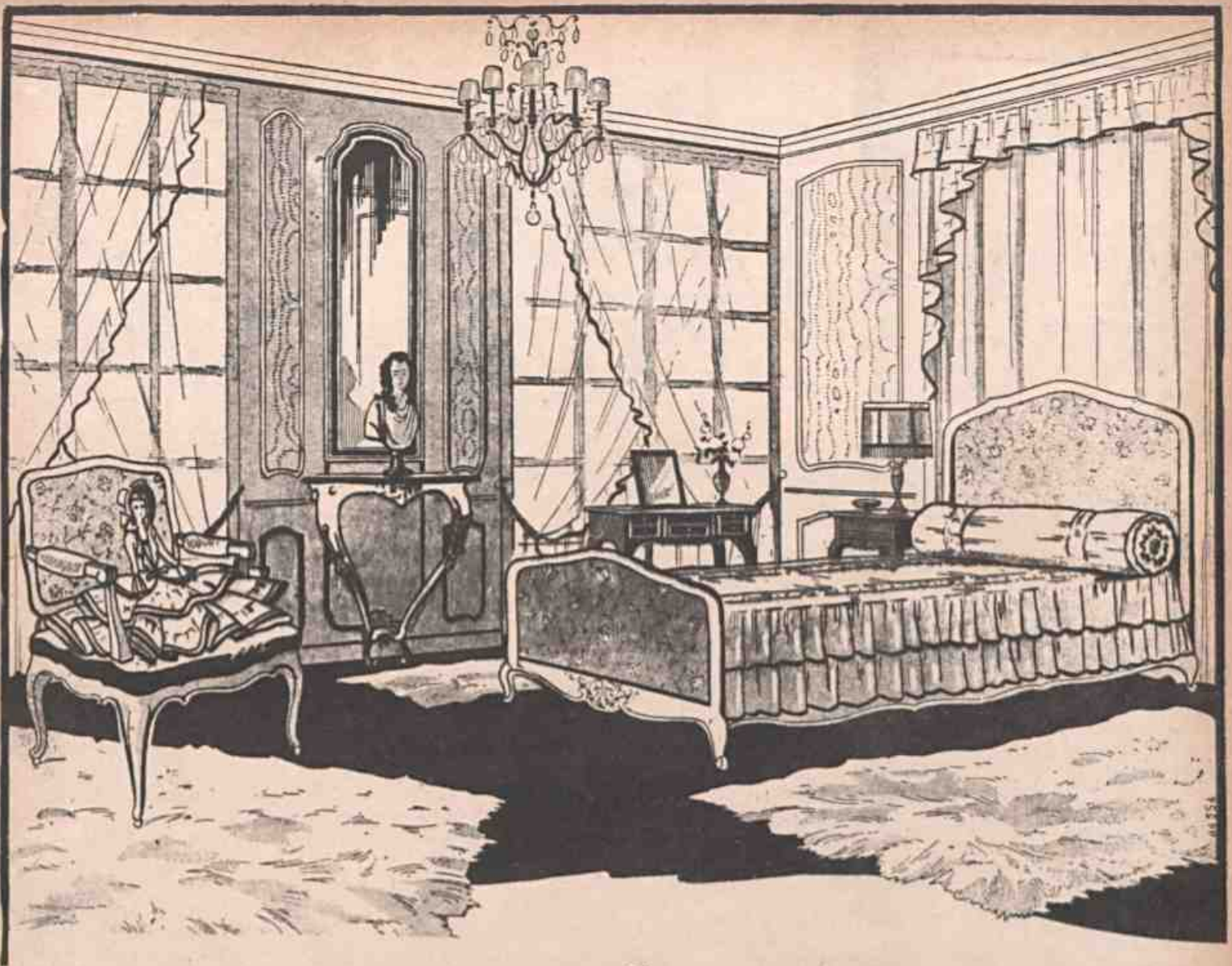
Chapeu de praia, feito de linho natural com estamparia azul circulada de preto.

Vestidos para meninas

Tres garotinhas graciosas: a da esquerda veste "linon" branco guarnecido com pontos de cruz vermelho vivo; a do centro — "linon" branco e bordados abertos, em branco tambem; a da direita está com um vestido de crepe de seda lavavel branco, festonado e bordado de linha brilhante azul do ceu.

Um grupo que se destina á praia: a menina da direita veste linho natural listrado de azul e de vermelho; a da direita — linho azul fraco estampado de marinho e de amarêlo, debruns e alças nos ombros em fita "cirée"; ao centro — roupa destinada a menino: sunga de linho azul marinho, blusa de cambraia branca.

Meninas maiores, dos 10 aos 14 anos, gostarão dos vestidos acima. Da esquerda para a direita: cambraia de linho branca, bordados de côr e em pontos de cruz; linho azul claro com bainhas abertas, em linho azul forte; bolero e saia de crepe branco, bainhas abertas na mesma tonalidade, blusa de crepe escocez.

GENTE BEM MEUDA. — Contando da esquerda: Vestidinho de cambraia rosa cravo enfeitado com folhos em "plissé"; vestidinho de cambraia branca estampada de rosa abobora e de azul forte, viezes de cambraia rosa abobora; vestidinho de crepe de seda branco; vestidinho de cambraia amarêlo laranja, viezes de fustão branco.

A DECORAÇÃO DA CASA

QUARTO DE DORMIR

Luz é alegria, saude, mocidade. Luz é riqueza de que todos podem fruir. O sol a entrar no quarto, pelas janelas abertas, é o melhor meio de higienisação do aposento. A luz crua, no entanto, é violenta, esmaecendo depressa a tinta do papel das paredes, o estofo dos moveis, tambem expondo muito a cutis, que, pelo natural movimento de se contrair na claridade excessiva, depressa se enruga. Um quarto luminoso, apesar de tudo, é bonito. Luz tamisada, coada através de cortinas diafanas sobre os vidros bem polidos dos caixilhos das janelas. Cortinas tão finas que é necessario debruá-las de colorido forte para que realcem. Cortinas de tule simples, o babado que as guarnece com uma risca de seda azul forte, ou vermelho, ou preto, estão no quarto aqui impresso, nas janelas que ladeiam o espelho longo á frente de um consólo dourado. **A cama e os outros moveis são laqueados de cinza claro, quasi prata, todos num estilo Luiz XV á moderna.** Como estôfo, seda rosa, "damassée", tapete de pêlo da carneiro aos lados da cama, sob a poltrona onde está uma boneca vestida pelo gosto da epoca citada, colcha de tule ou de organdi, com entremeios de renda de seda e fôrro de setim rosa seco sobre a cama. Para tornar o quarto mais luxuoso basta trocar o papel cinza forte e cinza fraco por seda chamalotada. As cortinas devem ser fartas, bem franzidas, o que dará ao quarto o aspéto de levesa tão gracioso e essencial a aposentos mobiliados assim.

DE TUDO UM POUCO

COISAS INTERESSANTES

M. de Talleyrand, comissionado, em 1792, para tratar de assuntos graves com o governo de Londres, foi recebido friamente pelo rei Jorge III, limitando-se a rainha a virar-lhe as costas.

— Ela age bem — disse o diplomata — por que, na realidade, é feissima.

A duqueza de Forcalquier criticava, diante de um embaixador turco, a lei de Mahomet, que permite a um homem possuir muitas mulheres.

— De fato, — respondeu, com galanteria, o diplomata oriental —, é para que os meus compatriotas possam encontrar em varias mulheres todas as qualidades e encantos que estão reunidos na Senhora só...

Gracioso vestido de Jane Régny: casaco e saia de linho azul medio, blusa de "tricot" vermelho lacre.

PAROLAGEM

O Brasil bem podia chamar-se Parolandia.

A ditadura tem feito muita coisa.

Extinguiu o mil réis ouro, os pagamentos de serviços publicos em moeda estrangeira; aliviou a agricultura e a pecuaria de metade das suas dividas e de mal parados creditos, os bancos.

Tem feito muita cousa, além de uma eleição livre e de uma Constituinte, mas não conseguiu tornar o brasileiro menos falador.

E' possivel que os homens da segunda republica tenham mudado de propositos, não, porém, no de ter tento na lingua.

As sessões da Constituinte são frisante exemplo da incontinencia oratoria do brasileiro.

Tem-se ali discutido, largamente, palavras, dias e dias sem que nada se apure.

Em quase meio seculo de regime presidencial tivemos revoluções, bombardeios, deposições, cambio vil, Canudos, Lampeão. Logo, são consequencias do presidencialismo.

Livrámo-nos, porém, da febre amarela. Logo, o presidencialismo é profilatico.

Foi no regime parlamentar que éla se criou, se desenvolveu, chegou ao apogeu. Logo, para evitá-la, é preciso fugir dele.

Dir-se-á que isso é disparate.

Será; mas como logica é tão boa como a que pretende que a felicidade de um povo está ou não no parlamentarismo, ou no presidencialismo, num ou noutro dêsses dois "ismos".

"Facil é acreditar em palavras".

Facil e comodo.

Dá muito menos trabalho subir a uma tribuna com a boca cheia de palavras, do que com a cabeça cheia de idéas nitidas, claras, precisas.

O eleitorado não exige pensamentos, o que quer é que o seu eleito saiba falar, o que não dispensa é o discurso.

Mas não é só para se recomendarem ao eleitorado que os constituintes têm falado dias e dias, enchido colunas e colunas do orgão oficial, muitos dêles estão convencidos de que vão salvar a patria, cada qual com o seu "ismo".

Daí, o calor que às discussões têm tido no Palacio Tiradentes.

Os fenomenos sociais estão sujeitos a leis naturais: todos o sabem.

Ninguem diz, entretanto, quais elas sejam, nem como atuam.

Sabe-se que existe um mal, uma doença.

Para isso, porém, ha especificos conhecidos.

Não se tem, pois, necessidade de um diagnostico firmado.

Bastam as manifestações mais grosseiras.

Os anuncios e as bulas fazem o resto.

Não se ha de, então, dar nenhum remedio ao doente?

Deem-no, si quizerem, mas na certeza de que se receita uma panacéa.

Apregoam os Esculapios remedios para doencas, o de que, entretanto, se precisa é do remedio para os doentes, no nosso caso, particular, para o doente.

Curar abstrações não é dificil; ha para isso varios sistemas.

Melhor seria, pois, em vez de tanta discussão, tirar-se, á sorte com qual dos dois sistemas se enganaria o povo.

Seria, pelo menos, mais barato.

A. de M.

TRATAMENTO DOS CÃES

(Pelo Dr. Briand)

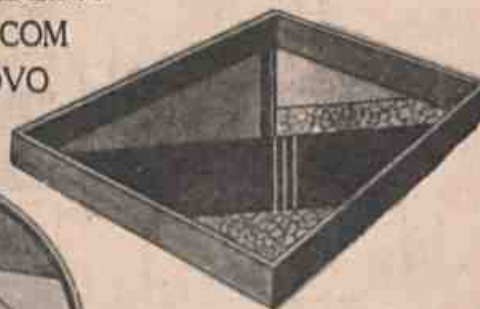
...Muita gente pensa que se devem dar ossos aos cães, principalmente quando são êles pequenos, em virtude do fosfato necessario á caixa ossea.

Ora, o cão que come ossos não assimila fosfatos.

Entretanto, o osso crú é util. Necessario, porém, que o animal não o quebre.

E' perigoso dar ossos de coelho, de galinha, e de costeletas aos cães, bem como os de carneiro porque resfriam o animal ocasionando acidentes desagradaveis no aparelho digestivo.

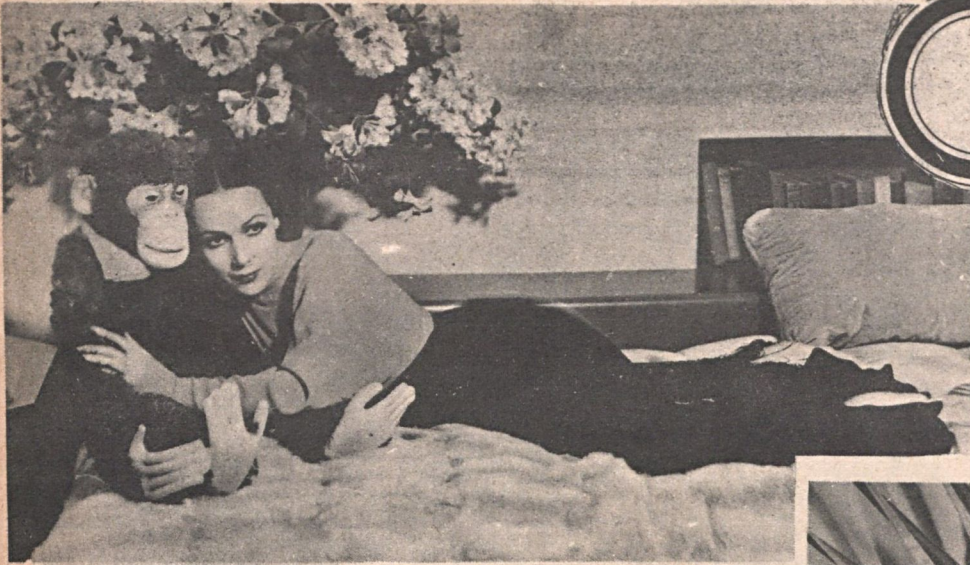
Os melhores ossos crús são os de perna de vaca e perna de vitela. E o melhor meio de dar fosfatos aos cães é habitua-los a comer aveia fórma de pirão, bem cozida nagua e sal, ás vezes tambem assucarada.

OBJETOS DE MADEIRA ADORNADOS COM CASCA DE OVO

Basta Polir a madeira, lixando-a bem forte no lugar onde se pretende colocar as casquinhas de ovo, que nêle são postas ainda sobre a tinta bem fresca, laqueando-se, depois, o restante. Um verniz sem côr é passado, depois da tinta seca, com pincel fino.

O trabalho que foi descripto terá relevo maior se ás cascas de ovo forem adicionados pedaços de concha rosa ou rajada.

O penteado moderno para de noite.

PIJAMAS MODERNOS

Como vestem as "ESTRELLAS" de HOLLYWOOD

Apoiando a cabeça no hombro de pello de seda do filhote de "King-Kong", Dolores del Rio é photographada em casa, e traja bonito vestido de interior composto de setim luminoso preto e blusa de velludo rosa cravo.

Loretta Young — outra artista bonita da R.K.O. — apresenta um pyjama de "broché" de seda escarlate e botões de prata com diamantes brancos.

Ainda é Loretta Young o manequim vivo de um pyjama preto, de setim, blusa de fustão branco.

A loirinha será cantada no proximo Carnaval. Pois que copie o pyjama á marinheira — marinho e branco — da loirissima Helen Twelvetrees, da Paramount.

Muito elegante e originai o vestido de interior da formosa creadora da "A mulher Panthera": corpete e saia talhados "á la princesse" em seda cinza com uns longes de azul, blusa de dentro e mangas kimono de velludo preto forradas com o tecido cinza.

Arte decorativa

"Crochet" e contas de madeira guarnecem de fórma original e muito bonita a casa moderna.

E' preciso, porém, que, com a pressa e a falta de tempo da vida de agora, procuremos trabalhos de que cuidem as donas de casa e que lhes não roubem aos divertimentos, á hora da costureira, á da ginastica, á do cabeleireiro e da manicura senão instantes, aliás bem empregados.

Depois de pronta uma cortina, a banda da caixa de linhas, rendado da césta de costura, o entremeio do "abá-jour", com que prazer é examinado o serviço de tão pouco tempo, e de tanta vista!

Aqui está um galão (fig. 1), feito com linha brilhante branco acinzentado. Principia por uma trança do comprimento necessario aos objetos que se pretende guarnecer, feita antes, depois "crocheteada" com a linha e um fio de rafia, pelo processo de malhas frouxas claramente indicado na fig. 1.

Os galões mais meúdos, que fazem semi-circulo, constam de um festonado de linha e de um fio de rafia num cordão liso.

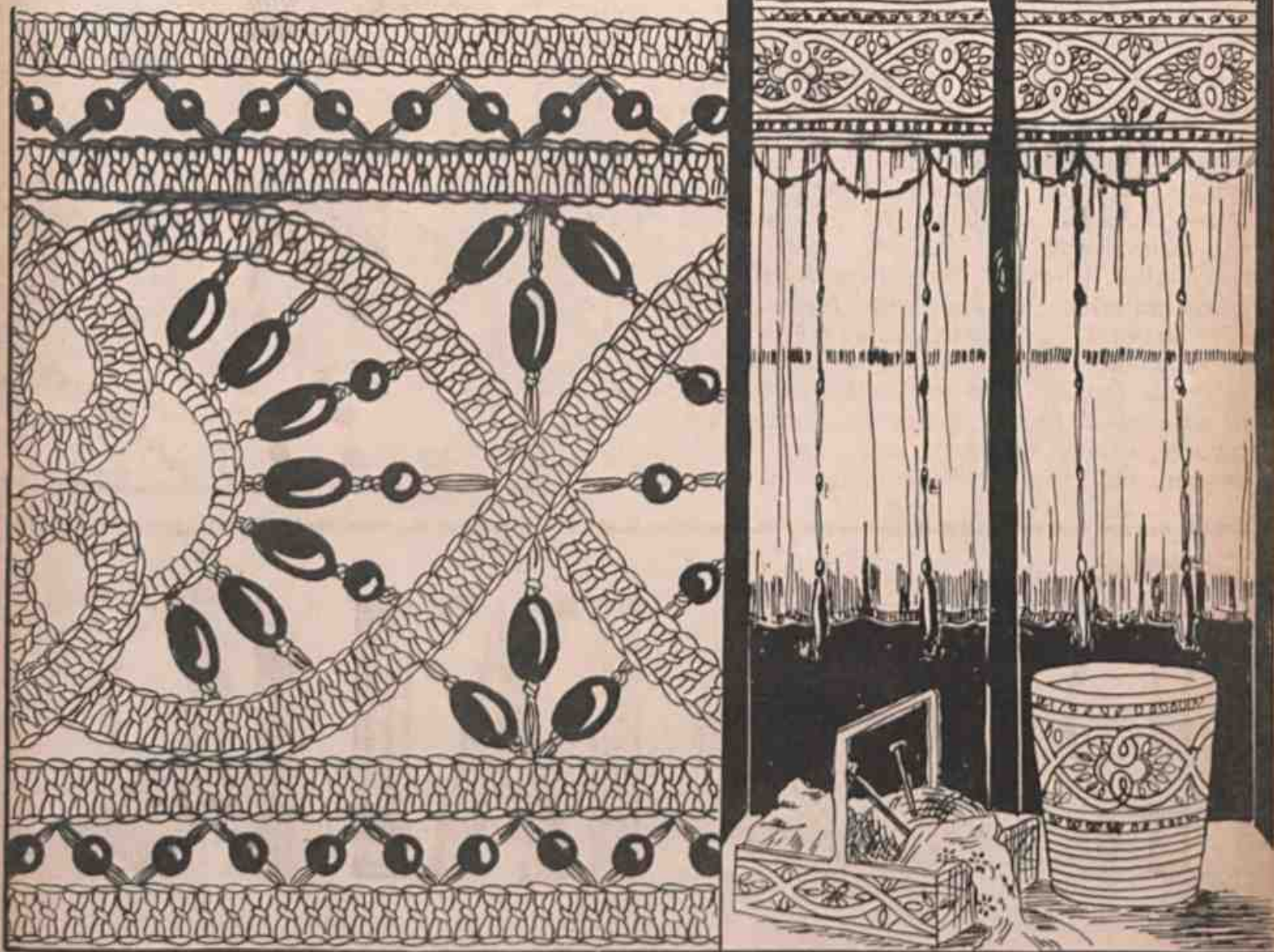
Desenham-se os motivos todos em papel forte, cosendo-se depois o galão á volta, por fim as contas que ficarão fixas por um nó em cada extremidade.

Os entremeios dos "brise-bise" podem ser feitos de linha, como ficou indicado, e contas de côr: azul vivo, vermelho, amarélo, o fio de rafia combinando com o ton das contas. Quando forem utilisadas contas douradas o fio de rafia não deve figurar.

A césta de linhas e a césta de trabalho — ou de papeis — podem ser inteiramente preparadas em rafia, contanto que se observe o seguinte em materia de combinação de côres: rafia azul, pano de fundo ouro velho e contas violeta; rafia vermelho "violacé" fundo verde, contas azues; e outras fantasias de gosto.

As duas céstas são talhadas em papelão forte, cobertas de seda franzida em cima e em baixo.

O "abá-jour", enformado em arame, tambem é forrado de seda, ficando mais fino o "crochet" em linha mercerisada, igual á das cortinas.

FIG 1

ALMOFADA

Medindo 0m,60 x 0m,45, retangular, por conseguinte esta bonita almofada pode ser bordada em setim preto, ouro velho, vermelho ou marinho, como tambem em linho grosso, natural: aquela, seda, para o salão de visitas, o "studio", o quarto de vestir; a outra para a sala de refeições ou o "hall". No linho — linha brilhante, colorida de rosa forte, rosa media e rosa fraco — para as flores —; verde para as folhas, podendo, segundo o capricho da bordadeira, ser "nuancée" como a linha das flores. Variam, porém, as rosas de tonalidade, quando dispostas em setim. Amarelas num fundo preto; brancas sobre vermelho; azul esmaecido ao brilhante no marinho. A' volta um "plissé" de fita de "faille", que, no caso de economia forçada, pode ser substituido pela setineta — na almofada de linho. Em separado: desenho do bordado, tamanho natural. Os pontos de nó, com exceção do fundo preto, são sempre feitos de linha preta.

SERVIÇO DE COPA

PARTIR O GÊLO

O gêlo deve ser partido o mais uniformemente possivel, em pedras meudas. Para quebrá-lo basta utilisar um prego um tanto longo ou um espeto, batendo-se sobre a pedra com um martélo

SABEDORIA CULINARIA — RIM GUIZADO

Cortar ao meio um rim fresco, retirando-lhe a parte grossa de dentro para que se vá o mau cheiro. Lavá-lo bem, esfregar com limão, temperando-o de leve com sal fino. Derreter um pouco de manteiga, néla pondo o rim, mexendo-o para evitar que cozinhe muito, o que o endurece. Quando estiver corado, passá-lo para uma frigideira onde foi fervido um molho composto de um calice de vinho do Porto, pimenta em pó, caldo de carne, engrossado com farinha de trigo. Chegar quasi a ferver, no môlho indicado, o rim, passando-o, após, para o prato que vai á mesa, enfeitando-o com salsa e cebolinha picadas meudo.

BOLO PARA SERVIR COM O CHA'

Chama-se "Bolo de areia", e é composto de: 1 pacotinho de fubá de arrôs, 4 ovos, 250 grms. de manteiga, 2 chicaras bem cheias de assucar. Bater os ovos com o assucar durante 10 minutos; em seguida adicionar a manteiga batendo tambem por mais 10 minutos, por fim a farinha de arrôs, em mais 10 minutos. Passar tudo para uma fôrma bem untada de manteiga, levando ao fôrno quente.

Da esquerda para a direita: pijama de praia — calças de linho listrado, casaco de fustão branco: "maillot" de Jersey fantasia, casaco com bordados a "soutache" e "soutache" torcido á volta da gola e das mangas; roupa de banho talhada em esponja de seda preto e branco.

CONSELHOS UTEIS

MOVEIS ENVERNIZADOS

Limpam-se moveis envernizados com pano seco, esfregando em forma de circulo. Nos cantos, utilisar um pincél fino, macio.

• • •

Tambem podem ser limpos com leite crú, o brilho readquirido com pano de flanela, seco, pelo processo precedente — em circulo. As manchas de môsca nos moveis são retiradas com petroleo.

• • •

Os moveis muito usados, cujo brilho dificilmente se consegue com o pano de flanela, seco, ou o leite crú, podem ressuscitar o primitivo polimento com fricção de: 100 grms. de cêra pura, oleo de terebentina, chicara e meia de benzina. Dissolver a cêra na metade da terebentina, em vasilha limpa, pô-la em banho maria, adicionar, depois, o resto da terebentina e a benzina.

CESTAS DE VIME

As cestas de vime, higienicas para guardar roupa suja, tambem a roupa lavada — porque são arejadas naturalmente — devem ser resguardadas da humidade por um estrado de madeira, que, por sua vês, resguarda a roupa, em deposito, da friagem e das desagradaveis manchas de môfo.

RACHADURAS NOS MOVEIS

Nos climas quentes é comum que a madeira estále, rachando os moveis. Tais rachaduras são tratadas da seguinte maneira: cêra de abelha, bem macia, posta com cuidado e de jeito que não suje as bordas, se bem que, quando tal acontece, tira-se o excedente com lamina de madeira, bem afiada. O brilho é "puxado" com flanela seca.

No verão a saia e blusa é o traje mais pratico. Aqui temos tres modelos de blusa, de tecido branco, (fustão de seda, de algodão, cambraia, crêpe, etc.), para serem usadas com saia marinho ou "marron" com listras brancas, ou branco e preto. Para complemento dos vestidos de verão: Sapatos - sandalia, bolsa de linho, luvas de pano.

BELLEZA E MEDICINA

O preparo do rosto e a maquillage

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris, E Vienna)

O clima quente do Rio de Janeiro, os banhos de mar e de sol ou os passeios nas montanhas causam á epiderme descuidada uma serie de alterações que merecem particular estudo.

Não é difficil vermos a pelle ressecada, um pouco farinacea ou com pequenas

manchas marrons. Nesses casos basta impregnal-a, antes mesmo da maquillage com um oleo ou creme gorduroso. E' aconselhavel, entretanto, o uso de um producto pouco perfumado, o qual deve ser passado no rosto da seguinte maneira: colloca-se uma pequena quantidade da massa na palma da mão esquerda e com as pontas dos dedos da outra mão faz-se uma especie de massagem circular, não muito forte. Depois passa-se o creme em todo o rosto sendo que o excesso, sobretudo quando depositado perto do nariz ou em volta dos olhos deve ser retirado por meio de um pedaço de papel de sêda. Na hypothese de não se ter o papel de sêda deve-se usar uma toalha de linho bem velha. Merece especial attenção o modo de se limpar a pelle. Um rosto joven não póde ser esfregado com a toalha ou papel de sêda, sendo recommendavel fazer-se ligeira pressão sobre os pontos em que se vae retirar o excesso de creme. A pelle estando assim preparada está apta então a receber a maquillage. Uma epiderme gordurosa póde ser lavada com um bom sabonete e depois do emprego de um creme secco estará prompta a ser pintada. A maquillage mais simples possivel é constituida pelo pó de arroz, rouge e baton.

O pó de arroz deve ser collocado por meio de um arminho delicado ou com uma bola de algodão, sem esfregar, porém, a pelle, quanto mais escuro fôr o pó de arroz melhor defenderá a pelle das radiações solares. Um pouco de baton nos labios e uma ligeira camada de rouge nas faces são o sufficiente para completar a maquillage simples que acabamos de relatar.

UMA CONSULTA GRATIS

As nosaas gentis leitoras que desejarem *gratis* uma consulta sobre hygiene, cabellos e demais questões de embellezamento, podem dirigir-se ao medico especialista e redactor desta secção. Dr. Pires.

As consultas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA
Nome ....
Rua ....
Cidade ....
Estado ....

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933

NOVEMBRO E DEZEMBRO

N. 30
28
DEZEMBRO

ALBUM DO ÉDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933

CAMPEONATO BRASILEIRO DE 1934

Enviaram tambem trabalhos para esta prova os seguintes charadistas: Tercio-Filho, Ricardo Mirtes, Edipo, Ave da Sorte, Aventureira, Alvasil, Clirio, Athenas, Azavilela, Parapadis.

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2/3, 1/2 dos pontos e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates, quando precisos.

LIVROS adoptados nos torneios communs: Cand. Fig. (edição pequena), Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos); A. M. Souza (Manual do Charadista, os 2 volumes); Jayme de Seguier; Vocabulario Monosyllabico, de Caminha. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 201 a 208

1—2—1—"*Nota*" que tem manhas o "*jogo*" da *effigie*.

Canhoto (Gente Nova, de Corumbá)

2—2—E' o *ramalo*, eu ser *tido* por *valente*.

Velhusco (São Salvador, Bahia)

3—2—*Comprimento* ou cumprimento? Facto ou "*feto*"? Ch!! Tá tudo *traficado*!

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

2—1—O *tenente* tem *geito* para *calcular* com *attração*.

Zé do Sal (Ouro Fino, Minas)

2—2—Não venda a *joia*, que assim procede sem "*medida*".

Athenas (A. C. L. B.—Belém, Pará)

2—2—O *abrigo* de que você fala é um *abrigo* só de *espalhafato*.

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

2—3—*Repleta* de moambas vive a casa de um *experto* vendedor de *ameixa*.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

1—1—Com o "*augmento*" da "*Companhia*" não *aproveite*.

Edipo (Curityba, Paraná)

CASAES 209 a 212

2—*Retira-te!* Estás *livre*.

Lone (G. T. A. — Th. Ottoni, Minas)

2—O criado de "*libré*" carregava um *fardo*.

Lily Quaglieta (São Paulo)

4—Nessa *epocha* foi que comprei o instrumento para *medir* a *distancia* do *observador* a um *ponto afastado*.

Innocens (Capital — A. C. L. B.)

(A *Miguelzinho*, *agradecendo*)

3—Não tome *pevonide de ferro*, pois que causa *morte*.

Lidaci (A. C. L. B.) — Capital)

SYNCOPADAS 213 a 216

3—2—A "*medida*" que colho, você *corta*.

Nazareno (R. P. — São Paulo)

3—2— A *mulher de maneiras varonis* habita esta "*cidade*".

Sindulpho Camara (Fortaleza, Ceará)

3—2—Só depois do *jogo* assigno a "*letra*

Perdalinas (A. C. L. B. — Capital)

3—2—A *serra de Portugal* é que eu *prezo*.

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba)

ENIGMAS 217 e 218

(*Ao Alvasil e Dama Verde*)

Lá no Mercado Modelo
De nossa amada Bahia,
Um animal esquisito
Certo cigano vendia.

Na barriga tinha a cara,
Em elle estava por fóra.
Creia que isto não é peta,
O que estou contando agora.

O Clirio, que tambem viu
Esse animal de arrelia,
Disse-me ser o cigano
Servente de sachristia.

Gentoca d'Abrunhosa (Th. Ottoni, Minas)

Tal como o poeta, amei tambem outrora
Dezenas e duzias de mulheres,
Desde a pudica e angelical Aurora
Até a formosa e seductora Céres.

Amei uma duqueza e dei-lhe o fóra
Pela endiabrada filha de um alferes,
De cujo nome não me lembro agora
Si era Conchita ou Pequitita Péres.

De todas, entretanto, a principal
Em cujo coração achei um dia
De paz e amor a fonte perennal,

Foi — *desapontamento!* ... — Justamente
A que mais se enganava e mais mentia,
Fria... impassivel... descaradamente!

Helio Florival (Grupo dos XX, Piracicaba)

E' a mais piedosa massada,
Que as nossas almas enleia.

Foge, pois, de todo o encanto,
Tem *firmeza*, sem quebrante,—4,8,9,7,2
Sem ser audaz ou bisonho;

Foge da *seca* do mal,—3,6,11,10,12
Não vás além do real,
Não mais além do teu sonho....

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

6.ª SÉRIE DA TAÇA MARIA FLOR — N.º 13

DECIFRADORES

TOTALISTA

Etiel (T. E.—Lisboa, Portugal), 19 pontos.

OUTROS DECIFRADORES

Vasco Dias (Lisboa), 18; Euristo (Lisboa), Arthano e L'oscar (ambos do Reducto Paulista, de São Paulo), 17 cada um; Mr. Trinquesse e Nazareno (ambos do Reducto Paulista), Alejoal (Lisboa), 16 cada; Helio Florival, V. Neno, Vivi, Noiva da Collina (todos 4 do Grupo dos XX, de Piracicaba), 15 cada; Tait, Eneb, Belkiss (todos 3 do Grupo dos XX, de Piracicaba), 14 cada; Dapera, Diana, Etienne Dolet, Julião Riminot, Paracelso, Yara, Zelira (todos 7 do Bloco dos Fidalgos, de Santos), 13 cada; Gandhi (Campos, Estado do Rio), Passaro Negro (Barbacena, Minas), Capuchinho, Capichote e Capicholia (todos 3 do Gremio Capichaba, Espirito Santo), 11 cada; Flôr de Liz, Dama Verde, Lolina, R. Said (todos de São Salvador, Bahia), 8 cada; Tiburcio Pina (idem, idem), 5.

DECIFRAÇÕES

163 — Trigoso; 164 — Suarez; 165 — Nova; 166 — ervilia; 167 — Ethonte; 168 — Abois; 169 — Florian; 170 — Diamante; 171 — Cacho, cocho; 172 — *Nuão*; 173 — Sorites; 174 — Orio; 175 — Estropear; 176 — Mosca; 177 — Antenome; 178 — Marpeso; 179 — Sobrenome; 180 — Espantalobos; 181 — Estrumeiras; 182 — Não é permittido a todos ir a Corintho.

NOTA — *Solto* para 172, foi anullado por não se verificar no diccionario citado como *pasquim*, e sim *folha volta*.

TORNEIO DE EMERGENCIA

DECIFRADORES DO N. 13

Tiburcio Pina, Agama, Lolina, Clirio, Helianthe, R. Said (todos de São Salvador, Bahia), 11 pontos cada um.

DECIFRAÇÕES

36 — Pascacio; 37 — Selino-palustre; 38 — Escarcéo; 39 — Acesina; 40 — Asterisco; 41 — Eristada; 42 — Abavum; 43 — Roge; 44 — Madeira; 45 — Redor; 46 — Perna vermelha; 47 — Mattas, campo e sertão; 48 — Cruesbeck.

CHARADAS 219 a 222

Fita-me, ó anjo adorado,—3
Que teu olhar é magoado,
E' doce e perturba a gente;
Se tu me fitas assim,
Com *piedade*, attendo, sim, — 1
O meu amor, que é *vehemente*.

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

Se o mau poeta *defronta*,—2
Mesmo em "*donas*", rima em *ogo*,—2
Se engasga, faz um *rodeio*,
E "dá às de villa-Diogo".

Velhusco (São Salvador, Bahia)

O amor é coisa sem juizo,
Que á gente causa prejuizo,
Num *lance* desassizado;—2
Jámais eu *faço* namoro,—2
Pois a falta de decoro
Já me deixa *adoentado*.

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

Por um ligeiro "*signal*"—1—
Quasi caio do cavallo
Provocando uma *discordia*—2—
E tambem subito abalo.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

LOGOGRYPHOS 223 e 224

Polido, elegante, engajo,—6,4,5,3,7.
O *conhecido* barão—2,7,6,7
de todos ganhara a estima
é lisonjeira *attenção*.—6,1,2,7.

Mas uma creança *menina*,—3,4,2,4.
disse, num tom atrevido,
querendo bancar ladina:
que moço tão *enxerido*!

Ricardo Mirtes (Recife)

Se a existencia é transitoria,
Se é *futil*, de todo inglória,—1,8,5,9,12
De mentira toda cheia,
Nessa *ordem* o sonho é nada,—10,6,11,5,2

PRAZOS

Terminarão: a 17, 22, 28 e 30 de Janeiro proximo, e a 1 e 6 de Fevereiro seguinte, respectivamente, para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRIGENDA

Do n. 28:

Os decifradores e decifrações, logo abaixo do Quadro de Honra, não são do 4.º Torneio de 1933, n. 28, e sim do n. 11, da 6.ª Série da Taça Maria-Flôr.

OUTROS DECIFRADORES desse mesmo numero: onde ha um 20, leia-se — 20 cada. DECIFRAÇÕES do mesmo numero: *Falcoeira* e *Reportado*, e não o que sahiu. Recebar — e não — Recebo — Enigma 168, (terceiro verso). No Logogrypho 173, o "*santo*" do terceiro verso deve ser tambem gryphado.

AVISO

Declaramos:

a) — Que de ora em deante serão acceitos os animaes e aves constantes da Mythologia, do Chompré, mesmo que se não achem incluidos nos capitulos correspondentes aos vocabularios adoptados, quer nos torneios communs, quer nos extraordinarios;

b) — Que as *clemmas* nos enigmas em verso, e tão sómente nos conceitos parciaes, indicam sempre mudança de funcção grammatical apenas, não havendo necessidade dos asteriscos. O conceito total, porém, continúa a ser regido pelas regras que temos seguido e constantes do regulamento;

c) — Que os erros dos diccionarios que anullam um trabalho são unicamente, os que resultam da má graphia da palavra, e, quando contestada, essa contestação sómente pode ser feita dentro dos diccionarios adoptados em ambas as séries.

2.º TORNEIO COMMUM DE 1933

Feitos os ultimos desempates, os vencedores desse torneio foram: *Vasco Dias*, em 1.º logar; *Agama*, em 2.º; *Passaro Negro*, na categoria dos 2/3. Ninguem na metade dos pontos.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O "*detective*", ns. 93, 94, e 95, de 9, 16 e 23 de Novembro findo.

CUMPRIMENTOS

Aos prezados confrades e demais leitores desta secção expressamos, aqui, e sinceramente, os nossos melhores desejos de Boas Festas e de excellentes entradas de Anno, fazendo votos para que 1934 lhes seja prospero e cheio de paz.

CORRESPONDENCIA

Tiburcio Pina, *Coriolho Leite*, *Principe Aymone*, *Clirio*, *Perapadis* e *Azavilela* — Recebidos os trabalhos.

Athenas (Belém, Pará) — Para o Campeonato de 1934, o confrade mandou sómente 3 trabalhos, quando são 7 o que mandam as Instrucções. Não veio Charada (antiga) alguma.

Antonverpe (Recife) — O prazo é o quarto. Faltou a ficha charadistica. Remetta-a de accordo com o titulo — *Inscripção* — do Regulamento ultimamente publicado. O retrato cá está, e tambem os trabalhos e a lista do n.º 22.

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba) — Vieram fóra do prazo sim, quasi todos.

Mamercos (Capital) — Tomámos nota da nova residencia.

Sindulpho Camara (Fortaleza, Ceará) — Dos logogryphos só 1 será aproveitado, porque os outros não têm letras repetidas sufficientemente.

COMMUNICAÇÃO NECESSARIA

Tendo de emprehender uma viagem á Bahia, para onde partirei amanhã, todos os papeis referentes a esta secção, como sejam cartas, listas, trabalhos, consultas, etc, etc., que chegarem de hoje em diante, serão abertos e só, accusadas depois do meu regresso, que se dará em fins de Fevereiro proximo.

Entretanto, as secções semanaes continuarão a sahir normalmente, pois para isso já providenciei. Não haverá, como de costume corrigenda alguma, mas os trabalhos affectados de erros serão annulados, se esses erros fôrem taes que possam lançar duvidas no espirito de qualquer decifrador.

Um grande abraço de despedida para os que me acompanham neste Album, para o brilho do qual muito têm concorrido.

MARECHAL

PITTORESCO 225

C. Maia (B. C. P. — Passos, Minas)

Instantaneos de Luz e Sombra

Uma paizagem do segundo dia da Creação: a luz e a treva, boiando sobre as aguas.

A arte photographica começa a ter um grande desenvolvimento em todo o Brasil. O MALHO, continuamente, publica valiosos trabalhos de amadores ou profissionaes da Kodak de varios pontos do territorio nacional.

Nesta pagina, apresentamos com prazer algumas lindas paizagens de Olinda, ás quaes a photographia, jogando, admiravelmente, com massas de luz e sombra, empresta um encanto extraordinario.

Todas ellas são obra da senhorita Nair Andrade e offerecem aspectos caracteristicos dos arredores da velha cidade pernambucana que ainda guarda nas suas pedras e na sua atmosphera historias de heroismo e de grandeza que encheram o passado do Brasil.

Uma choupana de palha entre coqueiros virentes, nos arredores de Olinda.

O vento fresco que afflora á face das aguas e rumoreja nas palmas dos coqueiros, passa tão de leve e de manso, como se temesse despertar as recordações que dormem debaixo do chão da cidade que foi o primeiro nucleo de condensação da velha nobreza territorial do Norte.

Uma velha igreja de torres esfumadas. Uma cruz que conta legendas de fé humilde. Casas tristes. Coqueiros farfalhantes. Total: um pedaço de Olinda.

dos

D. Theresa Christina Maria, num retrato de 1860.

A 28 de Dezembro de 1889, quarenta e dois dias após a proclamação de Republica, fallecia, na cidade do Porto, Dona THERESA CHRISTINA MARIA, terceira e ultima Imperatriz do Brasil, conhecida nos annaes da Humanidade pelo sacrosanto cognome de MÃE DOS BRASILEIROS.

Nascida em Napoles a 14 de Março, de 1822, morria com 67 annos, tendo pertencido á nossa patria, pelo casamento com Dom Pedro II e pelo coração, por mais de nove lustros.

Foi uma rainha que se impôz principalmente pela extrema bondade; de todos querida, de todos venerada.

D. Theresa Christina Maria, esposa de Dom Pedro II, num retrato de 1845.

Quantos lares pauperrimos receberam, durante annos, o auxilio anonymo de uma ou duas centenas de mil réis, sem nunca terem sabido quem assim os soccorria, porque o anjo de bondade que as enviava, sob sigillo, expressamente recommendava ao mensageiro que jámais lhe revelasse o nome.

Durante o longo periodo em que foi nossa Imperatriz, Dona THERESA CHRISTINA MARIA teve sempre o nome coberto de bençãos e seu banimento apressou-lhe a morte, não deixando um só dia de chorar pelo Brasil e pelos que aqui deixara.

Machado de Assis, em versos bellissimos a Dom Pedro II exclamou:

> BEMVINDO! DIZ-TE O POVO, E A PHRASE PODEROSA
> E' COMO QUE FERVENTE E TRIPLICE OVAÇÃO;
> OUVE-A TU, QUE POSSUES UM ANJO POR ESPOSA
> POR MÃE A LIBERDADE E UM POVO POR IRMÃO.

Quintino Bocayuva, em artigo do *O Paiz*, por occasião da morte de Dom Pedro II, disse: — "A sorte o favoreceu nesse ponto, dando-lhe como companheira do seu destino a virtuosa senhora que foi venerada pelas suas virtudes". E Manoel Victorino, o intemerato republicano, publicou em 1902, ter ouvido a varios próceres do actual regimen, presentes ao tristissimo embarque para o exilio que: "a santa velhinha, que tanto amava o Brasil, ao descer o ultimo degrau do caes Pharoux, antes de entrar na lancha que a conduziu ao navio de guerra, sem proferir uma unica palavra, ajoelhou-se humildemente e beijou a terra por ella tão devotadamente amada."

Dois factos, entre muitos, traduzem-lhe a grandeza de caracter: Durante a travessia, em sua vinda para o Brasil em 1843, travessia que durou dois mezes, enfermou a bordo de um dos navios brasileiros distincto official. Solicita, S. M. procurava amiudadas vezes obter noticias do doente, indagando por meio de signaes, com sincero interesse, do seu estado de saude. Certa manhã informaram á joven Imperatriz que o official peorára; S. M. immediatamente ordenou que o navio parasse e, transportando-se em fragil escaler, em alto mar, para o navio onde se encontrava o enfermo, ali se conservou, velando-o e assistindo-o espiritualmente, com um desvelo maternal, até que expirou, cercado

D. Theresa Christina em 1858, num desenho de Henrique Fleiuss, fundador da "Semana Illustrada".

por ella de todos os cuidados." E' um depoimento de Dom Manuel Joaquim da Silveira, depois Bispo do Maranhão e Conde de São Salvador.

O outro é o trecho de uma carta intima da Imperatriz á Baroneza de Loreto, datada de Aix-les-Bains, em 7 de Junho de 1888: — "estes ultimos tempos e particularmente o mez de Maio têm sido para todos nós de amargura; póde bem fazer idéa como os tenho passado, vendo meu marido tão mal, e o dia 22 foi terrivel.

De manhã deixei-o sem novidade e fui me vestir para ir á missa pelo anniversario da morte de meu mano o Rei Fernando, quando me vieram bater á porta, chamando-me que fosse ver o Imperador. Acabei a toda pressa o penteado e fui. O que devia achar? Meu marido rodeado dos quatro medicos e elle sem sentidos e

Brasileiros

quasi morto. Quando voltou a si, fui obrigada a pedir-lhe que se confessasse e tomasse o Sacramento, ao que logo disse que sim, O padre estava já em casa; se confessou emquanto foram á egreja, que está perto do hotel, para o vigario vir com o Sacramento. Tudo se passou tranquillamente, mas não póde fazer idéa como eu podia estar, vendo a todo o momento o instante de perdel-o.

Não sei o que fazia, mas o meu pensamento estava no Brasil e lembrando-me de minha querida e extremosa filha Isabel estar tão longe e do golpe que devia ter tido com essa terrivel noticia."

Quem deixará de reconhecer nessas expressões a alma de uma esposa e mãe amantissima?

Carta de D. Theresa Christina a Dona Amanda Paranaguá Doria, Baroneza de Loreto.

Grande Brasileira! Pois o foi na maior parte de uma existencia de excelsas virtudes. Bem merece as palavras do marido, todo um poema de dôr e de justiça, synthetisado no bello soneto:

A "Mãe dos Brasileiros", num dos seus ultimos retratos.

Córda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minh'alma entristecida!

De augusto e velho tronco hastea partida
E transplantada á Terra Brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratidão no seu delirio;
Cahiste, e eu fico a sós, neste abandono,
De teu sepulchro vacillante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu somno...
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio;
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

THERESA CHRISTINA MARIA está eternamente insculpida em nossa Historia, prototypo de innumeras grandezas, das quaes não foi menor o seu amor pelo Brasil.

...com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria!

28-XII-33. MAX FLEIUSS

(Do Instituto Historico e da Academia de Sciencias de Lisboa.)

Collação de grau no Instituto La-Fayette

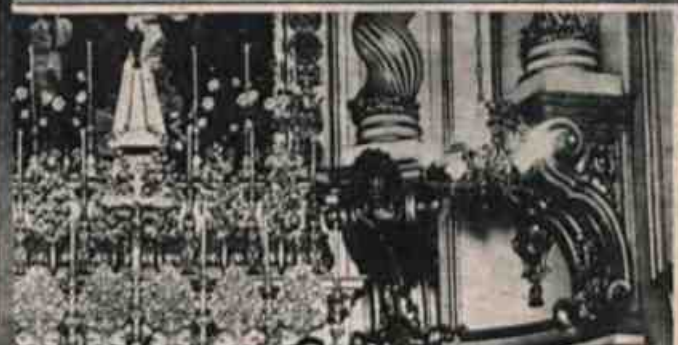
A mesa que presidiu a sessão solemne da collação de grau, na occasião em que falava o orador da turma Jorge Maisy França.

Aspecto da assistencia, na sessão solemne realizada no Instituto La-Fayette para entrega dos diplomas aos bachareis de 1933.

Revestiu-se de grande solemnidade e brilho a collação de grau dos bachareis de 1933 do Instituto La-Fayette, o conhecido estabelecimento de educação desta capital.

Esta pagina reproduz alguns aspectos das principaes solemnidades desse dia em que se coroaram tantos esforços, despendidos durante o anno escolar.

Querendo associar a idéa religiosa ás commemorações solemnes da collação de grau, os bachareis deste anno do Instituto La-Fayette, mandaram realizar missa em acção de graças que se realizou, com grande assistencia, na Cathedral do Rio. Na photographia acima, vêem-se os

do Instituto La-Fayette, mandaram realizar missa em acção de graças que se realizou, com grande assistencia, na Cathedral do Rio. Na photographia acima, vêem-se os

O Dr. La-Fayette Cortes, director do Instituto, fazendo a entrega do diploma á madrinha de um dos bachareis.

O paranympho da turma, Dr. Marcos Baptista Santos, fazendo o seu discurso na sessão solemne para entrega dos diplomas.

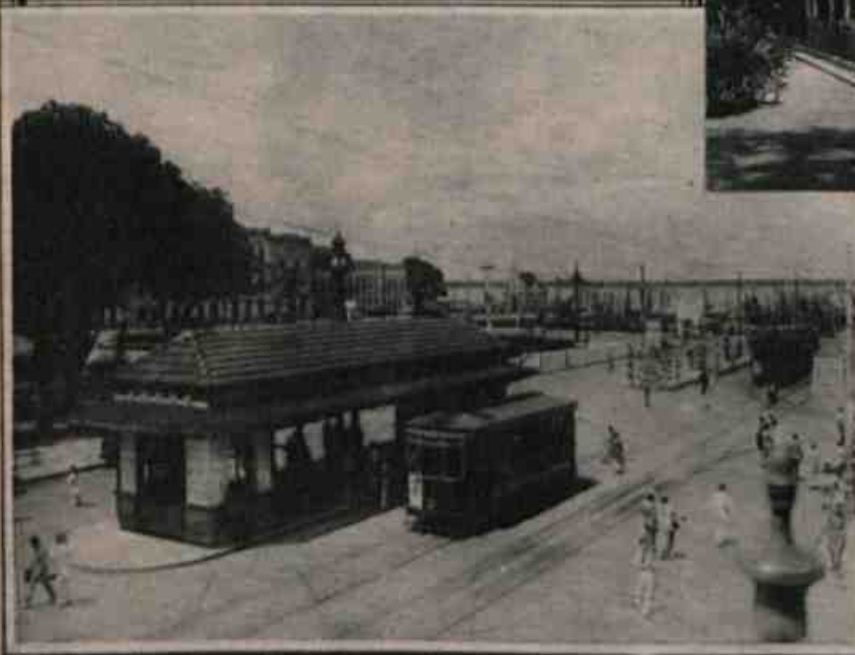
Aspecto tomado na Cathedral, após a missa em acção de graças, mandada realizar pelos bachareis de 1933 do Instituto La-Fayette.

BELEM-UMA CAPITAL MODERNA SOB A LINHA DO EQUADOR

Um suggestivo aspecto das manifestações de regosijo popular por occasião da inauguração da Praça "São Paulo", no dia do terceiro anniversario da administração Magalhães Barata.

Avenida Castilhos França — um trecho eloquente do progresso do Pará.

Trecho da rodovia Belém-Maracanã-Salinas, construida no actual governo do Pará.

Um aspecto do Museu Goeldi, onde, tambem, se tem feito sentir a acção renovadora do actual governo.

Trecho do Belem moderno, com os seus optimos "tramways" e seu intenso progresso.

A' primeira vista, o leitor iria jurar que está deante de aspectos de uma grande cidade da Europa — da Allemanha, da Hollanda ou da Belgica... Nada disso. Tratase, simplesmente, da Belem de hoje, a moderna capital do Pará, com as bellezas, os melhoramentos que actualmente a collocam entre as mais lindas capitaes do Brasil.

Tocada, ultimamente, por um largo sopro de reformas, Belem está-se remodelando a olhos vistos, graças aos esforços conjugados do prefeito Abelardo Cindurú e do Interventor Magalhães Barata, e ao espirito progressista da sua população.

Os JAVALIS de BARRABAM

AQUELLA manhã, acabavamos de fazer uma caçada na montanha de Reynfs, e nos encontravamos entre os castanheiros que se extendem deante dos zigzags ensombrados de arvores que conduzem á collina. Lá longe, ao alto, em meio a samambaias e giestas, destacava-se um casarão de paredes ennegrecidas e telhado coberto de musgo.

— Acolá é Barrabam — disse meu companheiro.

O solar, com as janellas e a porta cerradas, afigurava-se-nos sinistros, parecendo envolto numa aura de terror.

— Eu conheço a historia desse pardieiro — afiançou-me o caçador. Está abandonado ha uma vintena de annos, desde que foi scenario de um episodio bem dramatico.

A'quella época, um homem chamado Andréou dirigia a fazenda. Era um roceiro sobrio e taciturno que vivia só com a mulher. A fazendeira descia, duas ou tres vezes por semana, á cidade, para fazer as compras. Era uma creatura activa e energica. Infelizmente, tinha um defeito imperdoavel: gostava de beber, não sendo raro vel-a completamente embriagada no meio do caminho. Andréou não dizia nada, ficava perplexo quando visinhos generosos levavam a mulher, inerme, para a casa. Elle passava o dia todo, silencioso, ao pé da lareira, os olhos pregados nas chammas. De momento a momento, Andréou levantava-se para apanhar gravetos ou para revolver a terrá no jardim, voltando, em seguida, á sala.

A Andréou pouco se dava que a fazenda se tornasse um montão de ruinas e que seus terrenos viessem a ficar incultos. Ao chegar a festa de São Vicente, deixava o solar, dirigia-se para a cidade e ahi, após uns goles de vinho, o camponio taciturno dava á taramela, contando historias e mais historias, como aquella do tropeiro de Taqui que foi morto a machadadas, na montanha, ou aquella do mineiro que levou a agonisar tres dias numa mina. E nesse assumpto elle era inexgotavel, assaltando-o, ás vezes, uma alegria estranha.

Veiu um inverno terrivel. A neve cahiu em abundancia, accumulando-se nas ravinas e sepultando as plantações. Barrabam, isolada de tudo, não se distinguia já da floresta, com a neve á altura das janellas. E ao mesmo tempo que a neve, chegaram os primeiros javalis, que espantavam a população forçando-a a fugir para longe. Esfaimados, os porcos selvagens descendiam das alturas, aos magotes, e vinham grunhir á porta das casas, fossando a neve, devastando os jardins e os campos. Muitos conseguiam dispersal-os com enxadas ou com ancinhos.

Succede que Andréou e a mulher não tinham mais um pedaço de pão. Urgia, pois, ir á cidade, para prover do indispensavel. Certo dia, de manhã cedo, a fazendeira deixou a montanha. Um sol pallido filtrava entre duas nuvens, modelando a neve das cimas. Perto das dez horas, porém, bruscamente, uma nevoa cobriu a montanha, e a neve começou a cahir.

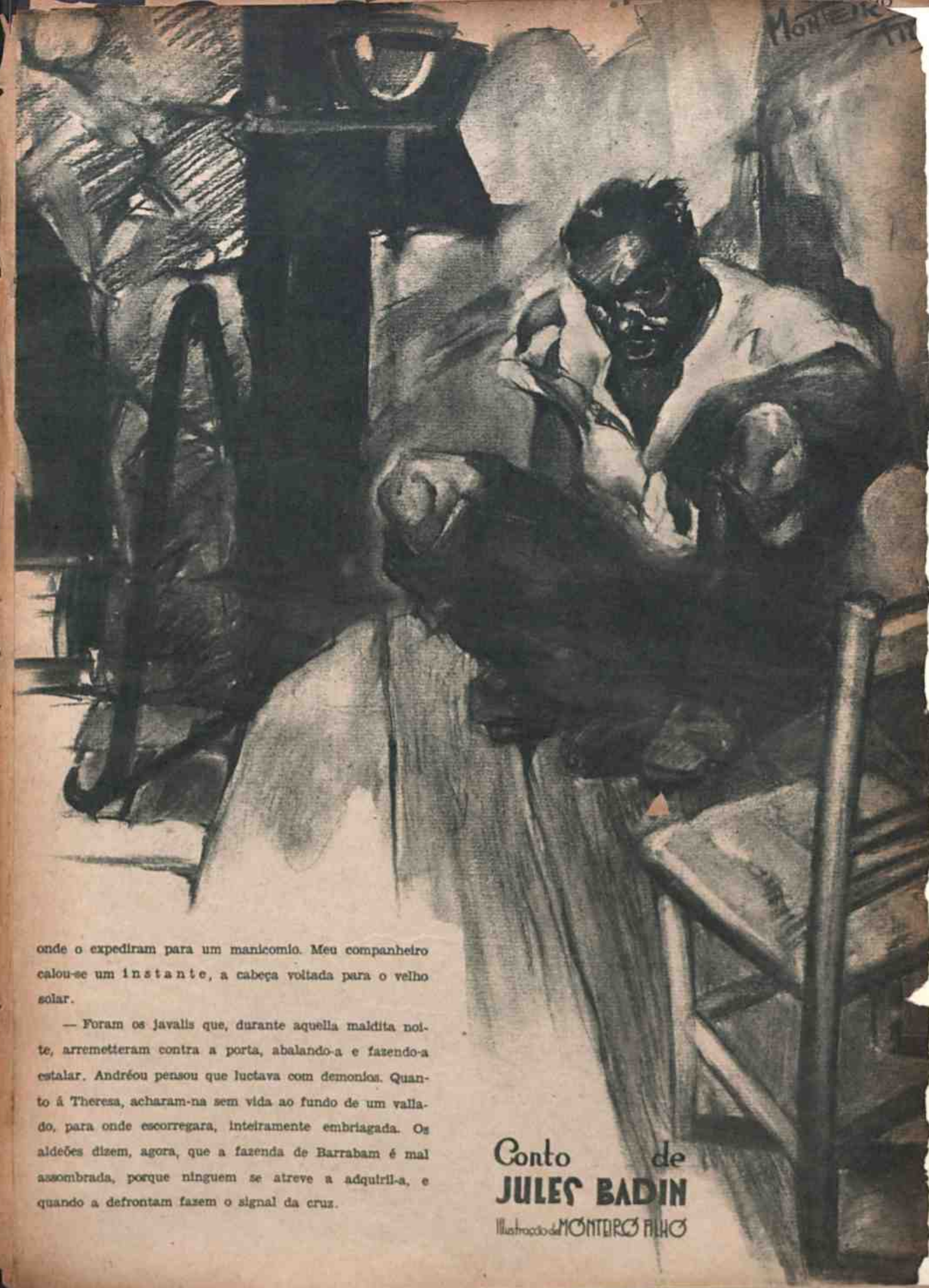
A's 16 horas, a mulher de Andréou não voltara. O marido, até então impassivel, inquietou-se, indo ao jardim. A neblina viscosa cahia sempre, e não se podia enxergar a dois passos...

Ao anoitecer, mettia medo andar por aquelles logares. Andréou estava sentado, na sala da frente, quando lhe pareceu que batiam á porta, mas repetidamente, como si alguem porfiasse em entrar.

— E' você, Theresa? perguntou Andréou, atraz da porta.

Ninguem respondeu, mas as pancadas resoaram mais prementes, mais violentas. Talvez devido á espera impaciente pela mulher, ó fazendeiro não sabia o que fazer, e assim, em logar de abrir a porta, para constatar o que havia, poz-se a defender a porta contra uma possivel invasão, collocando ás pressas, atraz della, os moveis que estavam a mão. Imaginava, em seu espirito atormentado, que era a alma de sua mulher que vinha procural-o e se lamentava á porta da fazenda.

Decorridos alguns dias, um tropeiro que passava por Barrabam deu com o casarão fechado. Manadas de javardos devastavam os campos, que pareciam revolvidos por enxadas. O homem, que escapara á sanha dos suinos bravios, procurava um pouso seguro. A porta da fazenda resistiu a todos os esforços que elle fez para descerral-a.

Chamou um desconhecido que passava no momento e os dois, com o auxilio de um machado, acabaram por abrir-se uma passagem através da porta. Penetraram, hesitantes, no pardieiro, que jazia numa escuridão glacial... Eis senão quando pararam, tomados de espanto! A um angulo da sala, Andréou, de cocoras, a roupa em frangalhos, olhava fixamente, a bocca aberta, para os intrusos. Quando o interrogaram, Andréou poz-se a rir estupidamente, deixando-se levar sem resistencia até Céret, de onde o expediram para um manicomio. Meu companheiro calou-se um instante, a cabeça voltada para o velho solar.

— Foram os javalis que, durante aquella maldita noite, arremetteram contra a porta, abalando-a e fazendo-a estalar. Andréou pensou que luctava com demonios. Quanto á Theresa, acharam-na sem vida ao fundo de um vallado, para onde escorregara, inteiramente embriagada. Os aldeões dizem, agora, que a fazenda de Barrabam é mal assombrada, porque ninguem se atreve a adquiril-a, e quando a defrontam fazem o signal da cruz.

Conto de
JULES BADIN
Illustracção de MONTEIRO FILHO

Kay Francis

KAY FRANCIS, a Laura MacDonald de "A mulher que eu amei", nasceu e mOklahoma City mas aos quatro anos de idade foi internada por sua mãe que era atriz em um colegio particular de Ossining, New York. Mais tarde entrou para o Cathedral School de Garden City onde fez o curso de secretariado. E iniciou sua vida como secretaria particular da Sra. W. K. Vanderbilt, posto que, a seguir, ocupou junto das Sras. Minturn Pinchot e Dwight W. Morrow.

Depois de uma viagem á Europa, decidio entrar para o teatro tomando parte em uma versão moderna do Hamlet. Na turbilhonante Broadway creou mais tarde, "Venue", "Crime" e "Elmer the great" entre outras producões.

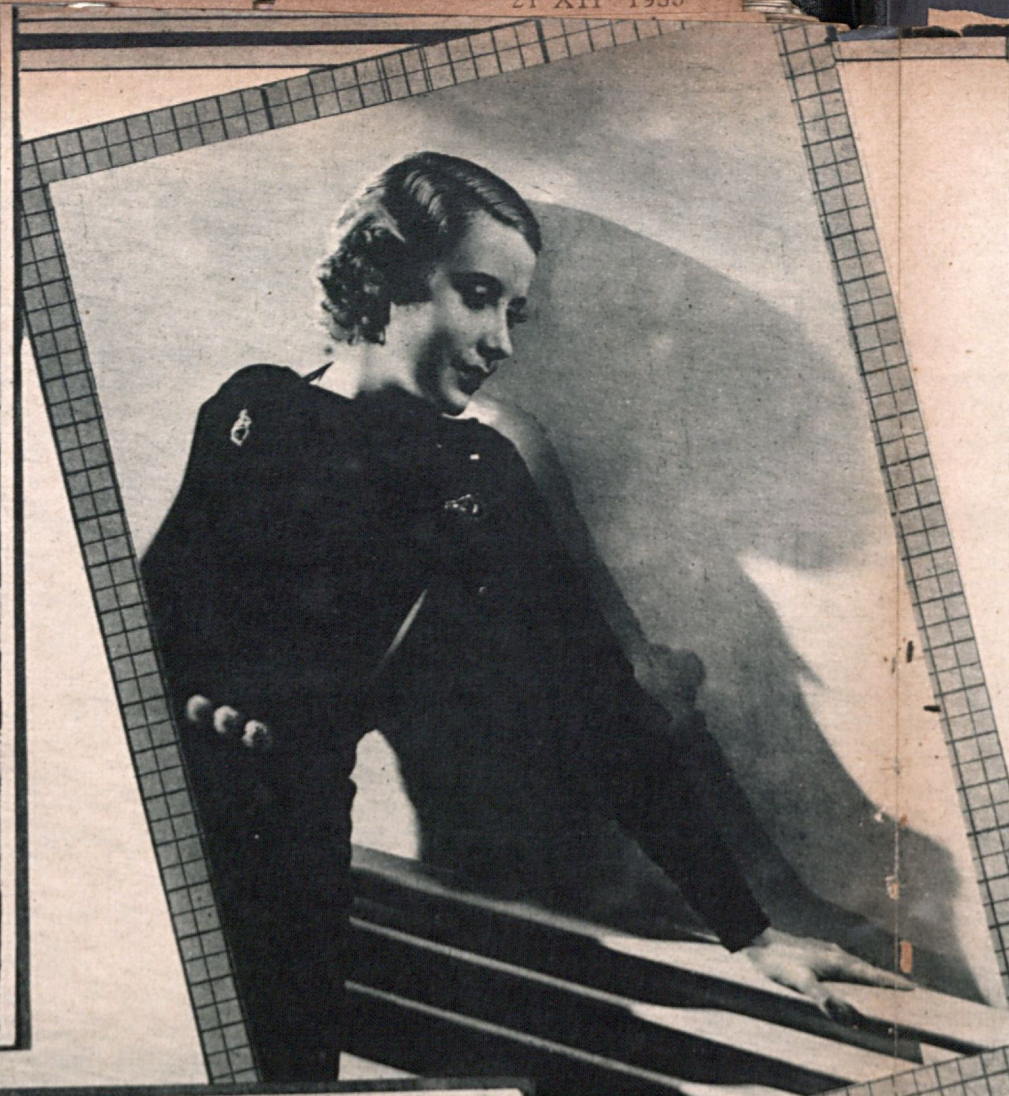
Seu primeiro film foi "Gentlemen of the Press" e seu sucesso instantaneo. Logo a disputaram os produtores. Faz parte das forças da Warner Bros-First National para a qual filmou já "The Keyhole", "One way Passage", "Jewel Robbery", "Trouble in Paradise", "Man Wanted", "Street of women" e "Mary Stevens M. D." isto é "Mulher e medica" ha pouco aplaudida no Odeon.

Só existe uma revista cinematographica no Brasil com correspondente especial em Hollywood — a **CINEARTE**. Nos dias 1 e 15 de cada mez.

EDWARD G. ROBINSON

Edward G. Robinson vio a luz na Rumania em 1893 mas com sua familia transportou-se para os Estados Unidos quando tinha apenas quatro anos de edade. Educou-se nas escolas publicas de New York, colou grão na Universidade de Columbia, mas abandonou a idéa de se fazer, primeiro ministro da Egreja e depois advogado para ceder a vocação que sentia pelo teatro. Nelle ingressou mas a Grande Guerra interrompeu-lhe a carreira pois servio na Marinha até 1918. Voltando ao palco interpretou os mais variados papeis sendo proclamado um dos maiores e melhores atores da America. Contam-se entre seus grandes sucessos "The Brothers Karamazov", "The Firebrand", "The Deluge".

Hollywood o cobiçou e Robinson assinou contrato com a Warner Bros — First National filmando, com enorme exito, "The Little Cesar", "Smart Money", "Five Star Final", "Tiger Shark", "Silver Dollar" e "The Little Giant".

E' o John Hayden de "A mulher que eu amei" que o Odeon vae exibir.

Geneviève Tobin

MARTHA LANE de "A mulher que eu amei" que veremos nos primeiros dias de Janeiro é interpretada por Geneviève Tobin, artista das mais queridas.

Geneviève é filha de New York e foi educada nessa cidade e em Paris. Como a grande maioria de suas colegas veio do teatro para o cine. Conheceu o sucesso nos palcos new-yorkinos, trabalhou um ano no Queen's Theatre de Londres onde representou "The Trial of Mary Dugan."

Tem atuado em muitos films depois que estreou em "A Lady Surrenders", sendo os ultimos "Fire of Youth", "One Hour With Your" e "Hollywood Speaks".

A MULHER QUE EU AMEI

JOHN HAYDEN, levado por irresistivel vocação, fôra matar sua sêde de arte na fonte pura da Grecia. Era filho de pae riquissimo, proprietario de uma das maiores packing-houses de Chicago, cuja direção teve de assumir quando menos cuidava de comercio. Morrêra-lhe o pae, era preciso esquecer seu sonho de arte que substituio por um idilio amoroso, com Martha Lane, a filha do seu mais poderoso rival. Casado, sentio que era. A vida social de sua mulher, entre hipocrita e ridicula, o desgostava. Desenvolveu, então, os negocios, e um dia assistindo um espetaculo lirico encontrou na cantora Laura Mc Donald a mulher com que sonhava. Fel-a ir completar seus estudos no estrangeiro, propoz a sua mulher o divorcio, mas não foi bem sucedido. Laura, por sua vez, teve receio de que o casamento lhe cortasse a carreira, e consentio em uma ligação clandestina. Sua ascenção foi rapida, depressa se tornou famosa e uma ambição sem limites dela se apoderou, contaminando Hayden que em fornecimentos ao governo durante a guerra hispano-americana acumulou milhões mas foi chamado a contas pela justiça, ficando em má posição.

O dominio de Laura é cada vez maior. Martha, a esposa, procura apanhar o marido em flagrante adulterio, cerca Laura de detetives, mas o que a policia apura é que Laura tem um outro amante. Ela se desculpa com Hayden que louco por ela, aceita as explicações. De novo se apossa deles uma ambição desvairada. Na grande guerra Hayden trustifica a industria de carne e do trigo na Argentina, joga com o credito a tal ponto que, passada a guerra e sobrevinda a crise é acusado de fraude, em meio da derrocada de sua fortuna. Foge para a Grecia, de onde não será extraditado e lá sem amigos, só, abandonado até pela esposa, vê o sol morrer atraz da Acropolis, quando ouve junto de si a canção que Laura lhe cantava nos dias felizes... e é Laura quem a canta!

FESTAS ESCOLARES

Os bachareis de 1933, do Gymnasio Pio-Americano, em pose especial para O MALHO. Ao centro, está o busto do Dr. Candido Jucá, director desse conhecido estabelecimento de ensino.

As alumnas do curso do professor Richard, rodeando-o, num grupo feito por occasião do encerramento das aulas do Intituto Nacional de Musica

Festejando o encerramento do curso, as creanças da Escola Rodrigues Alves desta capital realisaram interessantes representações theatraes. A photographia acima é uma pose do Grupo das Bahianas.

O Grupo dos Gaúchos da Escola Rodrigues Alves, nas festas de encerramento do Anno escolar.

Baile dos bachareis de 1933 no Hotel Gloria

Osw. Sylveyra em seu atelier

O 1o. Salão Paulista de Bellas Artes

Perto de 160 artistas da capital e do interior paulista vão figurar no I° Salão Paulista de B. Artes, a que concorrerão os pinceis já consagrados (Oscar Pereira, Pedro Alexandrino, B. Calixto, Georgina Albuquerque, Portinari, Lopes de Leão, Wasth Rodrigues, Cipichia, Helena Pereira, Sylvia Meyer, Antonio Rocco, Anita Malfatti, Rollo, Di Cavalcanti, Campão, França Jr., irmãos Dutra, Hadler, Nelson Nobrega, etc.) e novos e "novissimos", entre os quaes citaremos Gino Bruno, G. Worms, Bernardino Pereira, Rocha Ferreira, Yukanaan, J. Prado, Osv. da Sylveyra e dezenas de outros, ainda desconhecidos no proprio meio cultural de S. Paulo.

Este I° Salão será um verdadeiro acontecimento artistico no Brasil, pois é a primeira vez que o governo paulista, por intermedio do Conselho de Orientação Artistica, vae apoiar financeiramente um emprehendimento de tal vulto.

Comprehende-se perfeitamente o enthusiasmo dos nossos operarios do pincel e do buril pela realização deste certame, que se baseia no "Salon" annual do Rio, visto como os successivos movimentos politicos do paiz já haviam relegado os artistas a um completo olvido. E' a arte que resurge agora, com uma força reagente que difficilmente se póde calcular.

As nossas gravuras reflectem um átomo dessa salutar actividade que ora empolga os bohemios espirituaes da Paulicéa.

Em seu *atelier* vê-se o nosso collaborador, o escriptor Osv. da Sylveyra dando um ultimo retoque na sua grande téla intitulada "Chão Paulista", á qual a critica da Paulicéa já se referiu com enthusiasmo.

Trata-se de um "novissimo", de um estreante que terá certamente destacado logar entre os nossos mais conhecidos pintores.

Além dessa paizagem, espelho fiel de um recanto retintamente bandeirante, com aquelle humido que caracteriza a flóra piratiningana, Osv. Sylveyra apresentará ao Salão uma natureza-morta de grandes proporções, de que damos uma photographia, e um retrato cuja technica é u'a mescla de arte classica e modernista.

Como se vê, este I° Salão Paulista será o certame das surpresas, pois não poucas serão as revelações que nelle vão surgir.

Natureza morta

Os estudantes bahianos em São Paulo

A chegada dos estudantes bahianos a S. Paulo arrastou á Estação da Luz uma das maiores multidões mais ordeiras e enthusiasticas que já se formaram na capital bandeirante. Esta multidão acompanhou, entre acclamações a commissão de academicos da Bahia, desde a *gare*, até o ponto de sua hospedagem, através das ruas de S. Paulo.

Ao lado, temos dois aspectos dessa significativa visita de confraternização: um, tomado durante o trajecto pelas ruas da Paulicéa, e outro, apanhado durante a visita que os estudantes bahianos fizeram ao Interventor Armando Salles de Oliveira.

OS GRANDES CONCURSOS D'O TICO-TICO

Dois aspectos apanhados na séde da Associação Brasileira de Imprensa, quando era realizado, a 20 do corrente, o sorteio publico do "Grande Concurso de Natal d'O TICO-TICO", ao qual concorreram cerca de nove mil leitores do querido semanario infantil.

O SEGURO DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

A Associação Brasileira de Imprensa deu um grande passo á frente na obra de amparo e de assistencia aos jornalistas nacionaes, conseguindo condições excepcionalmente vantajosas para os seguros de vida de toda a classe. A photographia apresenta um aspecto da assignatura do contracto entre a A. B. I. e a Companhia Adriatica de Seguros, representadas ambas pelos respectivos directores.

O Concurso de musicas carnavalescas d' "O MALHO"

ENCERROU-SE A INSCRIPÇÃO A 26 DO CORRENTE

O grande concurso de musicas para o Carnaval de 1934 instituido pelo O MALHO, alcançou, já, com absoluto exito, o final da sua primeira phase.

A inscripção esteve aberta até 26 do corrente e o numero de composições apresentadas responde pelo interesse que o mesmo despertou.

A segunda phase, agora, está se processando conforme as bases do certame, devendo a commissão designada pelo O MALHO proceder ao seleccionamento das dez melhores producções concurrentes. E a terceira e ultima terá logar a 10 de Janeiro proximo, no "Theatro João Caetano", quando, em festival para esse fim organizado, o publico escolherá e classificará as peças victoriosas.

No proximo numero publicaremos novos detalhes do sensacional concurso de musicas carnavalescas d'O MALHO.

O Mundo em Revista

UM ACONTECIMENTO MUNDANO — A nota chic de Paris, em Novembro, foi a celebração do casamento de um sobrinho-neto de Napoleão 1º, Lucien Bonaparte, com a Snta. Madeleine Gay, na egreja de St. Louis des Invalides (Paris). Os noivos deixaram-se photographar prazeirosamente quando sahiam do templo historico.

PRO' PATRIA... — Instantaneo da conferencia que, no Ministerio de Estrangeiros da Allemanha, teve logar entre Adolf Hitler e o Dr. Franz Seldte, titular da pasta do Trabalho. Esse dia foi um dos mais agitados do Dux germanico.

UM DIA DE GALA — Um magnifico espectaculo constituiu para os londrinos a sahida do coche real que transportou Jorge V e a rainha Mary do palacio de Buckingham á Casa do Parlamento, que se reunia em sessão extraordinaria para ouvir a Fala do Throno. Durante o trajecto, os Reis britannicos foram saudados calorosamente por uma multidão innumeravel.

UM CARRINHO QUE SERA' HISTORICO — O Chanceller Dollfuss, da Austria, quando do inicio dos trabalhos para construcção de um cáes á margem do Danubio, em Wildungsmauer, foi visto conduzindo material para as obras. Seu gesto causou optima impressão em toda parte, principalmente no meio operario.

AS CRISES MINISTERIAES EM FRANÇA — Camille Chautemps, leader radical-socialista a quem o Presidente Lebrun incumbiu a organização do novo gabinete, por occasião da queda do ministerio chefiado por Sarraut. Herriot declinara dessa missão de confiança.

A MULHER

POR HENRIQUE PAULO BAHIANA

(*Especialmente para O MALHO*)

E' commum pensar-se entre nós que a mulher japoneza vive uma vida de oppressão no seio da familia. E' falso, embora a mulher goze, no Japão, de liberdades sociaes muito mais restrictas do que as da mulher occidental.

Mas se a mulher é considerada no Japão um ente menos apto do que o homem ás funcções deliberativas e á luta pela vida, nem por isso é escrava, nem vive na oppressão, nem é encarcerada no lar.

Pelo contrario, passeia, diverte-se, frequenta theatros e cinemas. Sáe sozinha ou com amigas. E como no Japão a educação é obrigatoria, a japoneza adquire uma instrucção em nada inferior á instrucção ministrada á moça americana ou européa.

Aliás a mulher sempre mereceu, no Japão, consideração e respeito. A familia imperial descende da deusa Amaterasio, fundadora do Japão e as mais veneradas divindades do budhismo são femininas, como por exemplo a grande deusa Kwannon, dispensadora da Misericordia.

Por outro lado, porém, é verdade que no Japão, ha pouco emancipado do regimen feudal, a mulher ainda conserva uma apparente insignificancia, alheiada dos grandes problemas sociaes e vivendo para a familia, cuidando do marido, educando os filhos.

O ideal feminino do *Bushido* — o velho codigo civico do Japão — era por excellencia um ideal domestico. Para manter a integridade e a honra do lar, a mulher japoneza trabalhava, penava e se sacrificava, quando solteira pelo pae, quando casada pelo marido, quando viuva pelo filho mais velho.

As leis escriptas, os costumes, a hierarchia social, a organização da familia, tudo emfim era concebido com vantagem para o homem. Não é pois para admirar que a mulher japoneza tivesse o esposo na conta de um verdadeiro deus e lhe obedecesse com a convicção de que elle não se podia enganar e de que a minima protestação contra a vontade delle seria um sacrilegio.

E' preciso notar, entretanto, que nas classes inferiores da sociedade japoneza a sujeição da mulher nunca foi aos mesmos extremos do que nas classes superiores. No mundo inteiro a pobreza tende para a egualdade. No Japão, as mulheres dos operarios, dos agricultores e dos pequenos commerciantes sempre gozaram de uma situação mais invejavel do que a das senhoras da alta sociedade, partilhando das penas e das alegrias do marido, manifestando opinião propria a respeito de tudo e chegando mesmo ao ponto de ousarem discutir com elle.

Thesouro de preciosas virtudes a mulher japoneza é extraordinariamente meiga, docil, effectiva, bondosa, paciente, resignada, dedicada e leal ao marido. Não tem ralhas, nem zangas, nem queixas, nem exigencias e tudo nella denota uma alma infantil, toda chimeras, amorosa de protecção, gozando em saber-se pequenina ao lado da vontade soberana que a dirige. A sua obediencia, no dizer de Ludovic Naudeau, é feita de sorrisos e não de suspiros. E assim se explica porque é que a vida com ella é calma, simples e facil, sem complicações nem controversias, sem problemas a resolver, sem lutas a sustentar.

Entretanto apesar desta sua gentileza e doçura está sempre prompta a tudo sacrificar quando o dever o exige. E é de facto extranho e inexplicavel encontrar-se na mulher japoneza ao mesmo tempo tanta suavidade e tanta força, tanta affeição e tanta coragem.

Era forçoso que a evolução industrial do Japão e a adopção dos progressos materiaes e das instituições do Occidente dessem á mulher japoneza uma nova comprehensão dos seus direitos e dos seus deveres e a fizessem descobrir faculdades que ignorava e necessidades que até então não sentira, desenvolvendo-lhe, por exemplo, o sentimento da responsabilidade, da liberdade e da vontade propria.

Ganhando o bastante para sustentar-se póde agora viver independente, sem ter de recorrer ao auxilio do homem, que já deixou de ser para ella o "deus unico" de outr'ora.

Dahi um movimento feminista, bastante intenso, que, dirigido por senhoras do meio diplomatico e do magisterio e por outras convertidas ao christianismo ou tendo estudado nos Estados Unidos, defende com vigor a these de que a mulher é igual ao homem, seja na familia, seja na sociedade; pleiteia o direito do voto, o direito da instrucção integral, o direito de escolher a profissão e o marido; propugna a formação mais viril da intelligencia e do caracter feminino; aspira, em resumo, tirar a mulher da posição inferior em que os costumes e a lei a haviam relegado e tornal-a verdadeiramente util á si mesma, á familia, á sociedade e á patria.

Os conservadores e os partidarios do velho Japão teem-se porém opposto tenazmente á effectivação desses ideaes e difficultado a tal ponto o triumpho da causa feminista, que nos é licito pensar de tão cedo as novas idéas sobre a mulher não conseguirão derrubar as espessas e solidas muralhas dos costumes, das tradições, das superstições e dos ensinamentos budhistas e confucionistas.

Jumeko Ozome, Sumiko Mizukubo e Kinue Tanaka.

JAPANEZA

Mas nem por isso arrefece o enthusiasmo e o ardor das feministas. E a mulher japoneza já exerce funcções e actividades que escandalizam os tradicionalistas e fariam corar de vergonha os velhos e sisudos moralistas.

Eis a japoneza nas Escolas Superiores e nas Universidades, ávida de aprender;

nos clubs e na escola, em exercicios diarios de gymnastica ou em treinos de *baseball*, *volley* ou *basket*;

nos *courts* de tennis, nas piscinas das associações sportivas, nos campos de athletismo;

no circuito cyclista do Imperio ou nos aerodromos, tirando o *brevet* de aviadora e exhibindo-se como paraquédista;

eil-a dactylographa, tachygrapha, *gazoline-girl*, *chauffeuse*, recebedora nos omnibus, *elevator-girl*, corista, artista de cinema ou de revista.

eil-a trabalhando nos restaurantes, nas casas de chá, nas fabricas, nas lojas, nos *departament stores*, invadindo emfim o campo de trabalho monopolizado em outros paizes pelos homens.

Uma das mais fortes impressões que trago do Japão é precisamente esta da actividade immensa da mulher japoneza, possuidora de uma resistencia insuspeita á primeira vista e fortalecida por um systema incessante de provações e exercicios, de que é exemplo, entre outros mil, o concurso feminino de natação, realizado annualmente em Tokyo, no rio Sumida, no dia 22 de Janeiro, tido como o dia o mais frio do anno.

E' de qualquer fórma incontestavel que os novos processos de educação e a evolução geral do Japão, teem influido decisivamente na formação de um novo typo de caracter feminino, que se não sentisse deslocada no ambiente actual. A velha theoria nipponica de desegualdade dos sexos vae se dissolvendo ante a attitude da nova geração. As moças japonezas estão cooperando com os seus collegas de estudos e de ideaes no afan grandioso do reajustamento social, que tornará de certo o Japão mais comprehendido do Occidente e mais comprehensivo deste.

Duas "poses" de Hiroko Kawasaki.

Duas "poses" de Takako Irie.

Jumeko Ozome, Sumiko Mizukubo e Kinue Tanaka.

Apesar, porém, de suas tendencias modernas, a mulher japoneza conserva intactas as qualidades de caracter hauridas no antigo systema de educação e na severa disciplina familiar.

O apego ao lar e o sentimento da maternidade são o seus traços caracteristicos.

Funde a sua vida com a de seus filhos. Transforma-se em criança para brincar com elles. Não os confia ás amas, como o fazem as mães occidentaes e ella propria é que cuida da educação delles. E' ella ainda que nelles incuica os sentimentos de abnegação e de lealdade, de devotamento á Patria e ao Imperador e de orgulho nacional, que se manifestam no Japão em todos os actos da vida.

Nesta mãe incomparavel que é mãe japoneza, repousa toda a força do Imperio do Sol Nascente. Emquanto ella conservar os seus excepcionaes predicados moraes, o Japão continuará a ser a grande nação que é, assombrando o mundo pelos grandes e gloriosos feitos dos seus filhos.

Exposições de Horticultura

A primeira, em data, realizada no Brasil teve logar nesta cidade, em Novembro de 1929, e foi promovida pela Sociedade Nacional de Agricultura. Para o brilhantismo que ella teve concorreram enormemente os vultos mais proeminentes nos meios agricolas e botanicos da nossa terra, destacando-se o Presidente da "União dos Agricultores", Dr. Adriano Dantas e os Drs. Luiz Palmier, A. J. Sampaio e Arruda Camara. A exposição constituiu um successo, que póde ser comparado ao das congeneres realizadas no Velho Continente, como sejam a "Mostra del Grano" (Roma) promovida por Mussolini; a "Daisy Show" (Londres), a "Florale" (Gand), o "Concours Général Agricole" (Paris) e a "E. Intern. de Horticult. de Cours-la-Reine" (Paris).

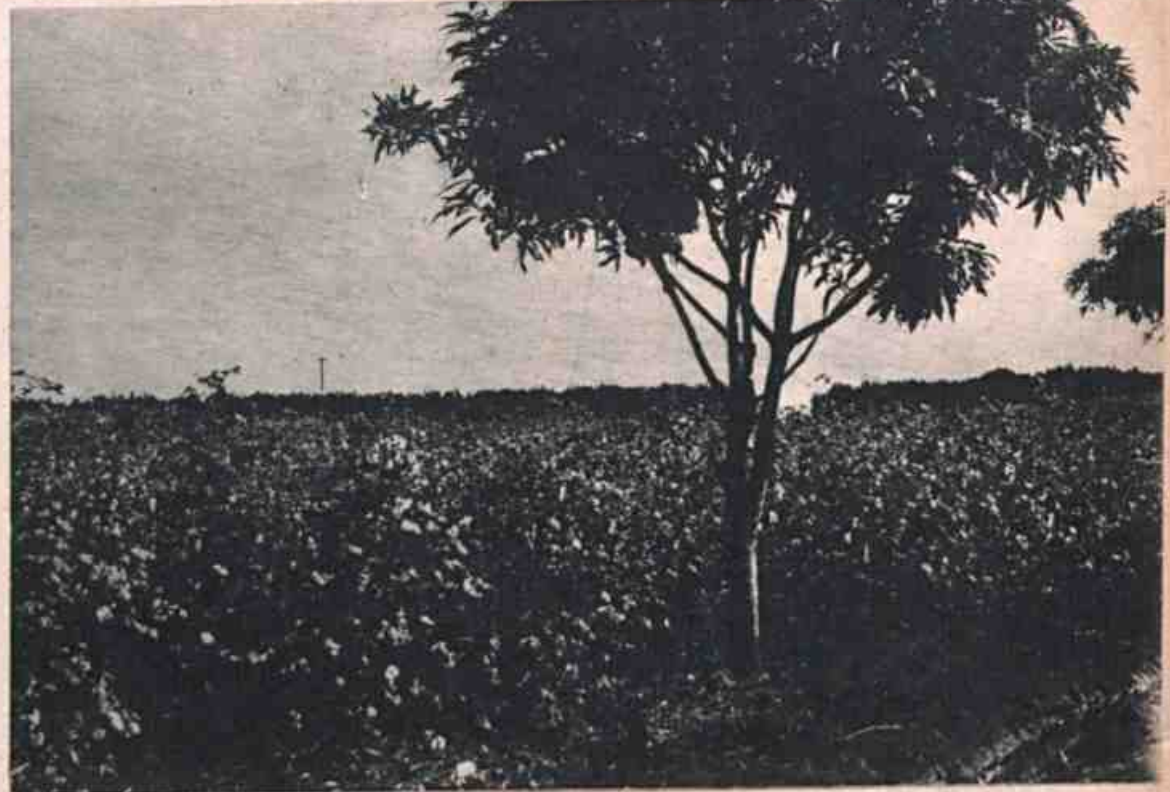
As "Florales", que se inauguraram em 1809 e se realizam de cinco em cinco annos, ficaram famosas pelo numero inconcebivel de flores apresentadas. Na ultima floral venderam-se collecções de orchidéas a mais de 6.000.000 de francos!...

A famosa arvore productora da borracha: Hevea Brasiliensis.

AQUI está em uma photographia um exemplar da — seringueira — plantada no jardim publico de uma cidade paulista — Viradouro — para uteis lições aos seus pequenos frequentadores.

Introduzida pelo botanico Dr. Eduardo Britto, observa-se que a "Hevea Brasiliensis" apesar de plantada em terreno de qualidade relativamente inferior aos marginaes do Amazonas, desenvolve-se rapida e extraordinariamente.

Com isto pensa o seu introductor incentivar o cultivo do vegetal que produz o precioso "latex" que constitue uma das razões de ser da riqueza nacional.

De Floricultura e Horticultura

A cultura algodoeira em S. Paulo

ATTENDENDO á grande campanha em pról da cultura do algodão em S. Paulo, a lavoura bandeirante entregou-se, denodadamente, á creação dessa nova riqueza agricola. Os primeiros resultados obtidos foram tão satisfactorios, que o Estado de S. Paulo é, hoje, um dos maiores centros productores de algodão no Brasil. A photographia acima mostra um campo em plena floração, no interior paulista.

A BOTANICA BRASILEA ESTÁ DE PARABENS

MAIS uma vez o Mundo curvar-se-á ante o Brasil. Noticias provenientes do Rio Grande do Sul informam que se descobriu na cidade de Missões uma planta que possue a propriedade de matar os gafanhotos. E' a **espora de gallo**, tambem chamada **estrella cadente, espora de cavalleiro** e **esporão**. Attrahidos pelo perfume das flores do dito vegetal, os acridios vêm ter ás plantações, que elles devastam. Segundo o Sr. Juvenal Pinto, que observou in locu o caso, as locustas perecem cinco minutos depois de haverem comido **espora de gallo**.

No Rio Grande do Sul, ha extensas plantações de esporas de gallo, sendo o municipio de São Luiz aquelle onde ellas vingam abundantemente.

E mais uma vez fica provado que á Mãe Natura é que cabe a tarefa de destruir o que ella propria edificou, e o Homem vae ficando alliviado de culpas...

Comam legumes!

HOJE, vamos resumir as propriedades, que tem um legume pouco estimado entre nós: a beldroega. Ha duas variedades: a verde e a dourada. Originaria da terra de Gandhi, que é vegetariano. Dá de preferencia nos terrenos arenosos. E' propria para saladas e sopas. A Medicina empresta-lhe varias propriedades, sendo excellente emolliente. Os antigos utilisavam-na como hemostatico, em razão da grande proporção de pectina que se contém em suas folhas.

Os productos da horta bem cultivada apresentam sempre enormes vantagens sobre os ordinarios. Veja-se a differença entre as bringelas da gravura.

COMMUNICAÇÃO IMPORTANTE

AOS COMMERCIANTES DO INTERIOR

Por causa da procura enorme que tem tido o nosso pó de arroz "NOVELLY", lançado recentemente nos mercados brasileiros com um successo nunca visto, os seus fabricantes, Sociedade Anonyma Perfumaria Roger Cheramy, avisam aos commerciantes em geral que os pedidos deverão ser collocados com alguma antecedencia, pois levam no minimo um mez para serem despachados.

Todos os commerciantes do interior que quizerem receber o pó de arroz "NOVELLY" devem mandar seus pedidos hoje mesmo á

SOCIEDADE ANONYMA

PERFUMARIA ROGER CHERAMY

Alameda Nothmann, 74

SÃO PAULO

MARCA
M. B.
PESQUEIRA
"PEIXE"
MARMELADA PEIXE